



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
CAMPUS V
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

FERNANDO BORGES NERI ROSÁRIO

UM OLHAR SOBRE A FESTA DE NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO, DE
1980 A 1998 NA CIDADE DE AMARGOSA-BA

SANTO ANTÔNIO DE JESUS-BA

2022



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
CAMPUS V
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

FERNANDO BORGES NERI ROSÁRIO

**UM OLHAR SOBRE A FESTA DE NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO, DE
1980 A 1998 NA CIDADE DE AMARGOSA-BA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em História da Universidade do
Estado da Bahia (UNEB), como requisito para
obtenção do título de Licenciatura.

Orientador: Prof.^a Me. Fernanda de Souza Lima

SANTO ANTÔNIO DE JESUS-BA

2022

R841o Rosário, Fernando Borges Neri

Um olhar sobre a festa de Nossa Senhora do Bom Conselho, de 1980 à 1998 na cidade de Amargosa-Ba. / Fernando Borges Neri Rosário. - Santo Antônio de Jesus, 2022.

72 fls : il.

Orientador(a): Prof.ª Me. Fernanda de Souza Lima.

Inclui Referências

TCC (Graduação - História) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus V. 2022.

1.Religiosidade popular. 2.Festas. 3.Tradição popular. 4.Religião. 5.Devção popular.

CDD: 204

FERNANDO BORGES NERI ROSÁRIO

UM OLHAR SOBRE A FESTA DE NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO, DE
1980 À 1998 NA CIDADE DE AMARGOSA-BA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura em História da Universidade do
Estado da Bahia (UNEB), como requisito para
obtenção do título de Licenciatura.

Santo Antônio de Jesus – Ba, 16/12/2022

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Me. Fernanda de Souza Lima – UNEB
Orientadora



Prof.^a Dra. Nancy Rita Sento S. de Assis – UNEB
Avaliador



Prof.^a Dra. Miranice Moreira da Silva – UNEB
Avaliador

DEDICATÓRIA

Dedico esta pesquisa a duas pessoas. A primeira, minha vó ou vovó como costumava chamar, Helena de Jesus Borges (*in memoriam*). Com ela, tive o primeiro contato com histórias da vida, aprendi a interrogar, mas na sabedoria ficar em silêncio e saber identificá-los também como respostas. Certamente se estivesse entre nós, estaria comigo nos sofrimentos, alegrias e vitórias. Obrigado (vovó), pela formação que me destes.

A segunda pessoa, meu filho Antônio Felipe. A este não é tão simples descrever porque diariamente ele me ensina algo, mesmo aos 02 anos de vida, a cada coisa que ele aprende, descubro que o aprender é eterno e que nunca se chega ao topo do conhecimento. Quando ele nasceu, esta pesquisa já estava em andamento, e ele foi também motivação para continuar.

AGRADECIMENTOS

Antes de tudo, agradecer a Deus pai todo poderoso pelo dom da minha vida, e a partir deste dom, agradecer a oportunidade de poder através deste trabalho de pesquisa, concluir mais uma etapa de minha vida, uma caminhada iniciada no ano de 2016. Deus seja louvado pelos séculos sem fim.

Minha veneração ao nome santíssimo de Maria Virgem e Mãe, figura que é envolta por este trabalho conclusivo. Intercede a Deus por mim, ó Arca da Aliança, ó Vaso Honorífico, ó Mãe do Redentor, ó Mater Boni Concilium, para que eu sempre persevere nos caminhos da caridade, fraternidade e do amor ao próximo.

Muito obrigado Prof.^a Me. Fernanda Lima, por ter acreditado em mim, e no potencial deste trabalho. Sei que para a Sra. não foi fácil, para mim muitas vezes desesperador, porque eu via o tempo passar e a pesquisa ainda em passos lentos custou a tomar forma. Aqui peço licença para pedir desculpas pelos aborrecimentos e constante erros, contudo, sou feliz hoje por ter te pedido orientação acadêmica nesta empreitada, sou-lhe eternamente grato.

À esta instituição de ensino superior, UNEB Campus V, minha imensa gratidão. Quando aqui cheguei, ouvi a Prof.^a Nancy dizer que “as melhores partes da universidade são os corredores” e de fato são. Nos corredores fiz grandes amigos, estudei, preparamos apresentações, debates, seminários, partilhei e aprendi muito com meus colegas. Alguns passaram, outros se perpetuam como amigos, mas de toda forma a UNEB contribuiu em minha formação.

Minha gratidão as pessoas que convivem comigo ou fazem parte do meu círculo diário, que viram minhas dificuldades e, no entanto, não me desanimaram, me incentivaram desde o início a não desistir. A todas elas agradeço na pessoa de minha mãe.

Um agradecimento sem par ao meu pai na fé, pessoa essencial para o desenvolvimento desta pesquisa, muito obrigado D. João Nilton, por ser essa presença viva e forte em minha vida. Nossa trajetória começou quando ainda eu era pequenino, mas a pouca idade não deixou de reconhecer em ti o sinal visível de Deus e parte do lema que conduziria a minha barca nos mares da vida, mesmo com as tempestades, sou quem sou também por força de sua oração e acompanhamento. Gratidão fraterna por mais uma vez abrir as portas de sua casa para me acolher e contribuir com sua entrevista e precioso acervo particular de fotos e documentos.

Gratidão ao padre José Raimundo, que mesmo em outro continente, em Roma, entre uma atividade e outra, concedeu a partilha de seus conhecimentos e memórias, ao padre Antônio Gregório, que em sua humildade e desejo de ajudar, também compartilhou de suas percepções e vivências, a Maria do Bom Conselho (Conça), em sua generosidade de coração compartilhou das suas experiências devocionais e religiosas.

Não poderia deixar de agradecer a aquelas pessoas que também colaboraram de forma indireta, porém não menos importante: Suéllen Costa por ter me acompanhado nesses passos finais a cada viagem, Rosa Amaro, Edivaldo, D. Duninha, padre Almiro Resende. A todos, minha gratidão.

Por fim, agradeço a minha turma. No 1º semestre éramos quarenta, de todos esses, um grupo em específico atravessou os 8 semestres juntos. Se pudesse escolher com quem dividiria a caminhada da próxima graduação, sem dúvidas escolheria Sidney, Girlan, Grazy, Silvestre, Jeane, Leylane, Juan e Robélia. Muito obrigado.

Benedictus Deus

Benedictum Nomen Iesu

Benedictus Spiritus Sanctus Paraclitus

Benedicta magna Dei Genitrix, Sancta Maria

Benedictus sanctus Ioseph, vir tuus castissimus

Benedictus Deus in Angelis suis et in Sanctis suis

Per omnia secula seculorum, Amen.

A fé se compara ao peixe. Assim como o peixe é batido pelas frequentes ondas do mar, sem que morra com isso, também a fé não se quebra com as adversidades. (Santo Antônio de Pádua)

RESUMO

Este trabalho é uma análise dos aspectos devocionais de fiéis munícipes da cidade de Amargosa-Ba e das cidades da região, entre os anos de 1980 e 1998. Tomando como ponto médio as festas de Nossa Senhora do Bom Conselho em suas novenas e procissões, mostra como os fiéis criaram suas tradições socializando nas demandas do dia a dia a fé e devoção a padroeira quando o período festivo chegava. Além disso, expõe como a festa preparada com a ajuda do próprio povo acontecia com o passar dos anos com vários fatores que impactaram diretamente o desenrolar da festa. Para remontar a história dessa devoção a Maria, desde a década de 80, não é possível ignorar os mais diversificados elementos que vão colocar neste estudo a relação que o povo mantém com a festejada e com que ardor caminham pelas ruas levando a sua imagem, deixando claro que as paredes do templo não bastam para expressar sua fé.

Palavras-chave: religiosidade; tradição; devoção; festas.

ABSTRACT

This work is an analysis of the devotional aspects of faithful citizens of the city of Amargosa-Ba and of the cities of the region, between the years of 1980 and 1998. how the faithful created their traditions by socializing in the daily demands of faith and devotion to the patron saint when the festive period arrived. In addition, it exposes how the party prepared with the help of the people themselves happened over the years with several factors that directly impacted the course of the party. To trace the history of this devotion to Mary, since the 80s, it is not possible to ignore the most diverse elements that will place in this study the relationship that the people maintain with the celebrated and with what ardor they walk through the streets carrying her image, leaving Of course, the walls of the temple are not enough to express their faith.

Keywords: religiosity; tradition; devotion; parties.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa do livreto de cantos da missa solene	44
Figura 2 – Interior do livreto com os cantos dispostos por ritos litúrgicos	44
Figura 3 – Lembrança distribuída aos fiéis	45
Figura 4 – Saída da procissão de Nossa Senhora do Bom Conselho	48
Figura 5 – Representação de mais um tapete confeccionado pelos fiéis	48
Figura 6 – Igreja Matriz iluminada para a festa	49
Figura 7 – Altar-mor de N. S. do Bom Conselho no dia da festa	50
Figura 8 – Bênção final da missa solene	51
Figura 9 – Andor da padroeira	51
Figura 10 – Parte do cortejo com o bispo, padres, formação de filas e os fiéis	52
Figura 11 – Comissão de festa	54
Figura 12 – Carreata de Nossa Senhora do Bom Conselho	58
Figura 13 – Periódico do Jornal a Tarde	59
Figura 14 – Capa do programa de festa	62
Figura 15 – Interior do programa de festa	62
Figura 16 – Encerramento da festa com a bênção do Santíssimo	64

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	13
2.	A PROCISSÃO: DE RUA EM RUA, A FÉ ABRAÇA A TRADIÇÃO	18
2.1	FESTEJAR: A PROCISSÃO COMO PRÁTICA DA RELIGIOSIDADE POPULAR	22
2.2	AS PROCISSÕES NAS DIRETRIZES DA IGREJA CATÓLICA	28
2.3	TRADIÇÃO: ORIGEM DA DEVOÇÃO E SIGNIFICADOS DAS PROCISSÕES NOS ESPAÇOS URBANOS DE AMARGOSA	31
3.	A REZA, O CANTO E A ARTE: TRÊS PILARES DA TRADIÇÃO E DA FESTA	37
3.1	A FESTA ORGANIZADA: BASTIDORES E PARTICIPAÇÕES DOS FIÉIS	54
	CONCLUSÃO	66
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68

INTRODUÇÃO

A festa de Nossa Senhora do Bom Conselho, na cidade de Amargosa-Ba, além de ser rica no âmbito devocional e cultural, constitui-se historicamente de uma sólida tradição, sendo assim um dos eventos mais importantes da cidade, se não o mais relevante. Tem uma forte defluência na rotina do povo Amargosense, e também da região, pois além de ser festa paroquial, é também momento de celebração diocesana por se tratar da padroeira da diocese.

O ato devocional naquela cidade acontece todos os anos no mês de abril iniciando-se com alguns dias de preparações na igreja matriz, que podem variar entre novenário e tríduo, dependendo das datas que caem as celebrações da semana santa, pois a festa tem a data fixa, no dia 26. A igreja católica evita celebrações festivas dentro da semana santa por se tratar das celebrações que dão razão a fé católica, o mistério pascal de Cristo. Por tanto desde sempre a paróquia toma esse cuidado ao festejar a sua padroeira.

Esta pesquisa tem o objeto como já exposto acima, na cidade de Amargosa-Ba, mais precisamente na região do Vale do Jiquiriçá e na microrregião de Jequié e também conhecida como cidade-jardim, por exibir em suas praças urbanismo bem trabalhado com plantas, flores e árvores.

O recorte temporal está ancorado em um período onde ocorreram grandes acontecimentos na vida da paróquia e conseqüentemente na caminhada da diocese. No ano de 1988 a província episcopal ganhou um novo bispo que anteriormente foi pároco e é filho da cidade de Amargosa, e que trouxe uma nova roupagem para as festas de Nossa Senhora do Bom Conselho, e boa parte destas mudanças ainda se conservam na atualidade.

Todos os anos o festejo a padroeira é preparado com o povo e para o povo, o envolvimento das pessoas da comunidade é tamanho que em algumas situações até disputam e almejam a passagem da Santa por determinadas ruas, seja na procissão solene ou seja na carreata de abertura da festividade.

Embora não seja um grande centro de concentração de devotos e romarias como em outros lugares do país, as paróquias e comunidades vizinhas na diocese, se dirigem durante a novena para, em comunhão fraterna com a comunidade em festa,

render graças a Maria, pedir favores, fazer agradecimentos e no dia da festa retornam para o momento mais alto.

Não é comum encontrarmos lugares ou comunidades paroquiais que tenham como padroeira Nossa Senhora com o título de Mãe do Bom Conselho, não é tão popular como Santo Antônio, São José, São Francisco, estes citados fazem parte da devoção diária e são bem mais conhecidos.

Partindo deste viés, e levando em consideração que foi o título, a devoção pode pesar mais por ser uma devoção mariana e que a migração para a cidade de Amargosa nos festejos é grande em relação aos outros períodos litúrgicos da igreja católica. Assim, a presente pesquisa reúne entrevistas, fotos e documentos, no intuito de responder ao problema de pesquisa: quais as circunstâncias que levam centenas de pessoas para a festa da Santa e especificamente no dia da festa, já que no cotidiano da paróquia essa participação comunitária é drasticamente reduzida.

Tendo este questionamento como impulso deste trabalho, debruçando-se sobre os estudos de religiosidade popular, cultura e tradição, o objetivo geral desta pesquisa é conhecer as características que dão forma a religiosidade e devoção popular das pessoas que anualmente participam da festa de Nossa Senhora do Bom Conselho, sejam munícipes ou visitantes, ou ainda pessoas que aproveitam o evento para reencontrar amigos e familiares.

As especificidades de objetivos se concentram em identificar como surgiu a devoção a Nossa Senhora naquela comunidade local, principalmente por se tratar de um título incomum na devoção popular brasileira e nordestina, em relação ao hall dos Santos e Santas mais populares em cunho regional.

Ao analisar os atos festivos e solenes desde o início do novenário ao término da procissão e conceituar a partir das fontes e autores aqui utilizados a religiosidade e devoção popular dos fiéis, podemos identificar as particularidades da devoção local e as diferentes maneiras de fazer acontecer as motivações em louvor a Maria ao longo dos anos.

A pesquisa pretendida surgiu em decorrência do grande interesse em aprofundar-me na compreensão de como a religiosidade popular pode, sobretudo na história cultural, ser tão rica e extensa, assim como o grande interesse em compreender, em particular, os aspectos da festividade de Nossa Senhora do Bom Conselho e a evolução da concepção de festa e devoção, tanto de quem prepara, quanto de quem devotamente participa.

Este estudo é importante, pois contribui para os religiosos que se interessem pelo tema abordado, bem como para a sociedade científica, no âmbito das considerações e vias de estudos sobre religiosidade e devoção popular.

Tendo a pesquisa analisado a religiosidade e a devoção entranhada na vida e cotidiano das pessoas que habitam na cidade de Amargosa, de tantas outras que migram para o seio desta festividade, e observando que este ato devocional aponta para Nossa Senhora com um título não popular como outras tantas intitulações dos santos, a hipótese levantada por esta pesquisa é que: o culto a Nossa Senhora do Bom Conselho tenha nascido da influência de padres e religiosos que passaram por aquelas terras onde situa-se a cidade, já que ali existia uma estrada de ferro e era uma região de grande produção e comércio de café.

O presente trabalho teve início a partir da realização de uma pesquisa exploratória que procurou o estado atual do objeto de estudo, a festa de Nossa Senhora do Bom Conselho e foi constatado que esta seria uma pesquisa pioneira em relação ao objeto aqui trabalhado.

Posteriormente foi elaborado um projeto de pesquisa delimitando o problema que tinha como temática, *Religiosidade popular: Um olhar sobre a festa de Nossa Senhora do Bom Conselho em Amargosa, (1988 -2005)*, os objetivos concentravam-se em analisar o movimento devocional no dia da festa da padroeira, documentar os aspectos e elementos que constroem a devoção popular e o afeto dispensado pelos fiéis a Santa, relacionar as principais características entre as procissões entre 1988 – 2005 e investigar entre as fontes elementos da preparação para a realização da festa. A metodologia planejada foi de trabalhar com o confronto de fontes documentais, orais, fotografias e jornais.

Para realizar o estudo foi necessário desenvolver uma pesquisa de campo na cidade de Amargosa-Ba, com a colaboração de pessoas que favoreceram momentos de conversa e caminhos para o desenvolvimento da mesma. Foram entrevistadas cinco pessoas, entre elas um bispo mérito, três leigos, entre eles um padre que não exerce o serviço ministerial e um padre que se encontra em estudos em Roma, com este foi necessário uma entrevista via vídeo chamada.

Com as pessoas a metodologia utilizada foi a história oral, neste momento era levantado um assunto e o entrevistado falava livremente, com poucas intervenções, foram entrevistas longas e ricas em detalhes. Posteriormente as entrevistas foram transcritas e devidamente analisadas para que pudesse ser consultada no ato da

construção deste documento considerando que, para o conhecimento histórico deste objeto foi primordial a arte da escuta.

Atentando a abordagem de Portelli (2016), cada detalhe foi tratado com muita criticidade, pois “mesmo quando o diálogo permanece dentro da agenda original, os historiadores nem sempre estão cientes de que certas perguntas precisam ser feitas”.

Foi necessário também fazer uma pesquisa documental com coleta de dados como fotografias, recortes de jornais, livros de cantos e programas de festa da padroeira. Não foi possível ter acesso a livros de tombos porque os mesmos não foram encontrados e muitos documentos já haviam se perdido com o tempo. As visitas aconteceram nas casas dos entrevistados, secretaria paroquial e na igreja matriz, grande parte do acervo fotográfico e tantos outros documentos encontram-se sob os cuidados do bispo emérito Dom Joao Nilton.

Este trabalho científico foi dividido dois capítulos, quatro subdivisões e conclusão. No primeiro capítulo concentra-se um estudo teórico mais aprofundado sobre todos os aspectos que esta pesquisa abrange, religião, religiosidade popular, tradição, estudo das práticas religiosas no meio social e a influência que esses momentos de fé sustentam na vida dos devotos.

A origem das procissões e festa os Santos são o ponto médio deste primeiro capítulo, discutindo com os autores que vão apresentar a tradição como elemento social e a religiosidade e devoção como constituintes das experiências transmitidas ainda em casa, na vivência familiar.

Já o segundo capítulo, além dos quesitos acima, expõe a importância da história oral como ferramenta singular, porém não única para uma análise detalhada da história, a partir delas é possível descobrir e entender as práticas que fizeram parte do cotidiano dos grupos sociais e religiosos, neste caso.

Maioria das fontes utilizadas foram as fotografias, e com o teórico Burke (2004), analisamos como as mesmas podem proporcionar uma experiência de enxergar e questionar o cenário escolhido, quando há muita ou pouca interferência por parte de quem registra o momento, ou ainda com Kossoy (2001) que defende a foto como um documento humanamente criado, com um ângulo e recorte escolhido definindo assim um documento composto.

As discussões sobre história e memória também norteiam o segundo capítulo mostrando a importância do tratamento das fontes orais, como podem ser utilizadas e

aborda sobre o recorte nos registros orais feito por quem as expõem, filtrando o que lhe é interessante dizer. Também discute a importância dos símbolos religiosos adotados e apresentados pela igreja católica como elementos que representem o divino e proporcionem ainda mais a experiência espiritual.

Durante os capítulos pontuamos algumas características da tradição como elemento que une pessoas para prática e vivência devocional, além da experiência espiritual da reza a través das fórmulas de orações tanto de gerações passadas como da própria igreja, liturgia e ritos da igreja, bem como os cânticos tanto no espaço litúrgico como na rua.

2 - A PROCISSÃO: DE RUA EM RUA, A FÉ ABRAÇA A TRADIÇÃO

A procissão, palavra de origem latina que significa “marcha para adiante” está presente no Brasil desde o período colonial e é um evento comum em datas como Sexta Feira da Paixão e Corpus Christi ou em festas de santos católicos. Tal manifestação religiosa não é recente, segundo Souza (2013), há um vínculo com a antiguidade, visto que os gregos e romanos iam às ruas para homenagear os deuses. As festas religiosas antigas eram iniciadas por uma procissão e esse sentido festivo foi incorporado pelo catolicismo em suas celebrações. Conforme Souza (2013):

[...] as procissões cristãs possuem vínculos ainda mais antigos com a Antiguidade, reproduzindo antes o modelo grego que o modelo romano. Afinal, ao contrário do que ocorre na Grécia, a procissão, em Roma, ocorre em espaços restritos como santuários e anfiteatros, ao passo que, na Grécia, já temos a deambulação que toma o templo como matriz; como ponto de partida e de chegada de um ritual que transcorre no espaço público. (SOUZA, 2013, p. 45).

Ademais, o autor argumenta que há nas procissões cristãs influências pagãs percebidas em elementos como as luzes e a música e que diferentes deuses eram homenageados em diferentes procissões, assim como os santos no catolicismo.

Ainda de acordo com o autor, o caráter penitencial desses cortejos foi adquirido no período medieval, precisamente, em 1260, momento marcado por dificuldades como a fome, a epidemia e a guerra civil. Nesse momento, surgiram as procissões dos flagelantes, nas quais se objetivava suplicar o perdão pelos pecados, causando sofrimento a si mesmos e amenizando o que era considerado como castigo divino. Conforme Souza, tal característica foi adquirida devido a um período marcado pela precariedade, no qual o povo buscava refúgio na proteção divina. Com o tempo, esse caráter se modificou, pois, as procissões passaram a marcar momentos festivos e de celebração de padroeiros.

A origem das procissões no Brasil se dá no período colonial, de acordo com Silva (2000), houve o predomínio de uma sociedade medieval, como é possível perceber no trecho da carta de Pero Vaz de Caminha a seguir:

E hoje, que é sexta-feira, primeiro dia de maio, pela manhã, saímos em terra, com nossa bandeira; e fomos desembarcar acima do rio contra o Sul, onde nos pareceu que seria melhor cantar a Cruz, para melhor ser vista. Ali assinalou o Capitão o lugar, onde fizessem a cova para a cantar. Enquanto

a ficaram fazendo, ele com todos nós outros fomos pela Cruz abaixo do rio, onde ela estava. Dali a trouxemos com esses religiosos e sacerdotes diante cantando, em maneira de procissão. (CAMINHA, 1500).

Silva (2000) discorre que em 1549, na fundação da cidade Salvador, ocorreu a solene procissão de Corpus Christi; em Pernambuco e, posteriormente, em Recife, ficou marcada a procissão de “Cinza” no século XVII, a qual fazia a abertura do período quaresmal. Assim se iniciava uma tradição que se espalharia por todo o país, o autor complementa que, no século XVII: “[...] as festas de igreja, com danças acompanhadas de marimbas e violas, se multiplicavam durante os 365 dias do ano. As suas procissões eram acompanhadas por coro de vozes aos quais “[...] foram acrescentadas as músicas das charamelas.” (SILVA, 2000, p. 212).

Nesse período, já se eram feitos altos investimentos para a confecção de imagens e andores, revelando a grandiosidade e importância de tais eventos, a exemplo das procissões que ocorriam a partir de 1720, nas tardes das quartas-feiras de cinza, as quais, segundo Silva, eram formadas por “[...] 17 andores, ladeados por anjos, figuras alegóricas, irmandades religiosas, clero regular e secular, autoridades civis e militares, coros de vozes, sendo encerrada por um pátio sobre o qual o sacerdote conduzia a relíquia do Santo Lenho.” (SILVA, 2000, p. 201).

Souza (2013) aborda diversas situações que levaram à tradição da participação do povo nessas manifestações de fé, nos períodos de seca era comum a realizações de missas e procissões como forma de suplicar ao divino a chegada das chuvas. Em outras realidades, onde aconteciam epidemias, a participação era uma forma de purificação, o autor trata ainda de situações em que a caminhada era uma forma de relação contratual com o divino e o não cumprimento do trato resultava em sanções para os fiéis.

Desse modo, conforme Souza (2013):

Obter as graças do além significa, porém, tanto firmar relações vantajosas com potenciais aliados espirituais quanto combater os inimigos da raça humana: Satã e seu cortejo. As procissões ganhavam, então, um novo sentido: o de purificação, tanto que, durante a procissão, o tocar dos sinos e o desfile das cruzes adquirem o objetivo [...]. (SOUZA, 2013, p. 53).

Ao perceber a grandiosidade e importância desses cortejos na história do Brasil, é válido ressaltar o seu caráter sociopolítico, uma vez que essas festas, além

de manifestações de fé, refletiam também relações de poder, pois ali a sociedade expressava e afirmava uma hierarquia. Sobre isso, Souza (2013) argumenta que:

No período colonial, por exemplo, participar de uma procissão significava incorporar-se à vida da comunidade a partir da hierarquia que tinha no sacerdote e no representante da Coroa suas autoridades máximas. Recusar-se a participar era, pelo contrário, atitude de insubmissão a ser punida como tal, o que era uma concepção reconhecida e normatizada, tanto que em Portugal, em 1514, uma provisão régia tornava obrigatória [...]. (SOUZA, 2013, p. 53).

Essa imposição ocorria, sobretudo, nas festas de Corpus Christi que, segundo Mendes (2011), foram integradas ao conjunto das devoções legitimadoras da restauração portuguesa de 1640. Assim, em cada vila ou cidade criada, a procissão era instituída como elemento político pelo poder civil, a exemplo do momento da fundação da cidade de Salvador, marcando o nascimento da capital da colônia portuguesa.

A hierarquia social também se refletia na posição que cada fiel ocupava na procissão mediante pagamento, refletindo assim a realidade social. A decisão sobre a obrigatoriedade de determinada procissão era tomada pelo Estado e não pela Igreja, mesclando-se interesses políticos e religiosos. Dessa forma: “[...] celebravam, ao mesmo tempo, a fé católica, o poder monárquico e a identidade entre o povo e o rei. Com isto, as pessoas que participavam das procissões o faziam na condição de fiéis, mas, também, na condição de súditos.” (SOUZA, 2013, p. 55).

Segundo o autor, ao lado da elite, as confrarias e ordens religiosas buscavam um lugar de destaque, tornando as procissões motivo de conflitos e rivalidades e buscando impor-se socialmente. Disso também se origina a necessidade de se ostentar riquezas nesse ato público como forma de afirmação social.

Para Souza (2013), as procissões eram demonstração de fé que visavam impressionar os fiéis, mas perante os infiéis, revelando o seu caráter catequético. Além disso, os eventos também refletiam um caráter social e festivo, ao passo que despertavam conflitos:

As procissões eram fonte de diversão e instrumento de socialização relativamente democrática em uma sociedade rigidamente hierárquica. E cumpriam, em linhas gerais, o papel que o carnaval iria exercer séculos depois: o momento social, festivo, do qual todas as classes sociais participam; todos juntos, mas cada qual em seu lugar. As procissões eram fatores de confraternização, mas eram, também, expressões de conflitos

entre diferentes grupos sociais, que buscavam realçar seu poder adquirindo no cortejo uma posição cuja proeminência se destacava em detrimento dos grupos rivais. (SOUZA, 2013, p. 59).

A partir desse contexto os atos processionais se configuraram como uma tradição. Convém entender com Oliveira (2012) o significado desse ritual religioso responsável pela reunião de milhares de fiéis em diferentes partes do Brasil:

Peregrinação e Procissão aparecem como similares, pois detêm o mesmo significado simbólico que é o de caminhar, no entanto o primeiro denota uma caminhada mais distante, ida a um lugar sagrado, muitas vezes revestido de dor, penitência, o segundo já se apresenta como um sentido de cortejo, geralmente possui um santo patrono e se configura com um caminhar mais curto em relação a distancia, se dá geralmente em torno/para um templo, ou pela cidade, porém ambos representam uma ida, uma caminhada que busca, seja pela devoção seja pela penitência, o diálogo com o transcendente [...] (OLIVEIRA, 2012, p. 17).

Sendo assim, o caminhar, embora como uma atividade coletiva, leva o fiel a uma experiência pessoal. Para a autora, ao utilizar o espaço fora do templo, também se dá a ele uma conotação própria, uma vez que as ruas e praças, tidos como ambientes “profanos”, recebem uma reinterpretação com possibilidade de sacralidade.

Desse modo, tais manifestações religiosas, provocam nas ruas uma ruptura com o cotidiano, visto que o sagrado não mais se limita ao templo, “[...] o processo de espacialização do fenômeno religioso é colocado em movimento pela ação das pessoas envolvidas” (OLIVEIRA, 2012, p. 28). Nesse sentido, a procissão faz do meio urbano uma prolongação do espaço sagrado.

Oliveira define como espaço sagrado um campo de forças e valores que eleva o indivíduo acima de si mesmo, o transportando para um tempo distinto da sua existência. Nesse sentido, Couto (2008) afirma que: “Apesar de se revelar especial e diferente do calendário profano, também não é um evento isolado, pois quebra o ritmo regular do cotidiano, promove a sociabilidade e o sentimento de pertencimento e identidade em um determinado grupo social.” (COUTO, 2008, p. 2).

De acordo com Oliveira (2012):

A procissão, assim como a peregrinação, é a materialização do estado liminar, o lugar paradoxal onde há a comunicação entre os mundos, religioso e profano, uma espécie de passa entre eles. O religioso não mais esta

integrado na sociedade, apesar de utilizá-la espacialmente, mas a caminho, outro estágio, seja esse de afirmação como religioso ou de busca pelo transcendente. (OLIVEIRA, 2012, p. 27).

Assim, nessa breve contextualização, foi possível perceber as origens das procissões na antiguidade, tendo sido incorporadas pelo catolicismo. Tais devoções e festas foram realizadas ao longo do tempo como forma de introjetar valores e como modo de construir e reforçar relações. Portanto, na definição de Oliveira (2012): “A procissão pode ser classificada, segundo a noção de Turner como um Rito de Passagem, um ritual de distanciamento do indivíduo da sua estrutura social e, depois, um retorno, com novo status.” (OLIVEIRA, 2012, p. 28).

2.1 FESTEJAR: A PROCISSÃO COMO PRÁTICA DA RELIGIOSIDADE POPULAR

Como mencionado anteriormente, o período colonial foi marcado por iniciativas catequéticas em vista de “converter” o novo território conquistado. Desse modo, o catolicismo foi imposto como religião de Estado por 400 anos. Conforme Oliveira (2013), a propagação da fé ficava a cargo de congregações e irmandades que passaram a desembarcar em território brasileiro a partir de 1549, dentre elas os jesuítas, franciscanos, monges beneditinos e a Ordem de Nossa Senhora das Mercês (OLIVEIRA, 2013).

Dessa forma, instituiu-se o que Rosendahl (apud Oliveira 2013) chamou de “territorialidade religiosa”, na qual a identidade de fé refletia uma propriedade do Estado. Nesse contexto, logo foram instituídas dioceses e paróquias no intuito de promover o controle religioso e a expansão da fé.

Assim, foram difundidas práticas devocionais, expressadas pelo povo através de procissões, romarias, promessas e festas dedicadas aos santos, trazendo um caráter social e popular à vivência religiosa. Esse caráter foi reforçado pela falta de administração e regência em algumas localidades e escassez do clero, o que levou a religião a ser administrada pelo povo que inseria seus elementos culturais, provocando uma diferenciação do catolicismo europeu para o brasileiro.

É no espaço rural, principalmente, que surgem as figuras dos leigos que assumem a função evangelizadora, na ausência dos padres, se configurando assim como uma prática de religiosidade popular. Ainda conforme Oliveira (2013) e de

acordo com a abordagem anterior, as procissões não nasceram na Igreja Católica, mas foram adaptadas e significadas a partir do catolicismo popular.

De acordo com Jesus (2006):

Entendida como tradição secular, as Rezas remontam ao período colonial e foram sendo praticadas no seio das comunidades rurais onde o catolicismo oficial pouco pregou, cedendo lugar pra um catolicismo inventado e reinventado a partir do entrecruzamento de elementos culturais ligados às tradições de negros, mestiços, índios e brancos. Dessa forma, as pessoas aprenderam a vivenciar um catolicismo próprio, rural, cujo ritual ia sendo desenhado segundo os costumes locais. (JESUS, 2006, p. 20-21).

A partir deste recorte do ponto de vista de Jesus (2006), percebemos um elo fraco na corrente do catolicismo, que se refere exatamente a pouca intensidade da catequização no interior dos lugares por onde fez trabalhos missionários. Este aspecto mostra o explícito interesse nos centros e lugares onde as práticas coloniais mais trabalhavam, ao passo que, aponta para uma deficiência no grupo de pessoas autorizadas a falar em nome da igreja, tais como missionários e sacerdotes.

Esta é a oportunidade não proposital de fazer acontecer a inculturação de práticas locais, a partir da realidade social de cada localidade. Dai, surge os aspectos de um catolicismo inventado ou reinventado como aponta o autor. Vale destacar que esses elementos são diversificados, não importando o dimensionamento de tal, por isso que, em cada localidade as práticas religiosas e ritualísticas do catolicismo têm o seu diferencial local.

Segundo Mesquita (2015), no interior do Brasil colonial cresceu um cristianismo “milagreiro”, pautado na devoção aos santos, o que ajudou no controle de problemas coloniais, apresentando a realidade como cumprimento das promessas de Deus. Assim, os mais oprimidos buscavam consolo para os seus sofrimentos através das imagens de santos, realizando promessas e orações.

A prática também foi difundida pelas ordens religiosas, levando as comunidades a festejarem os seus santos de devoção, que eram os mediadores entre Deus e o povo, celebrando-se a sua presença milagrosa, “[...] momento em que o silêncio da vida cotidiana, a escuridão da noite e a hostilidade davam lugar à alegria, à luz, à comida e à solidariedade entre as pessoas” (MESQUITA, 2015, p. 166). É esse sentimento que fica explícito no depoimento de Maria do Bom Conselho, a qual carrega em seu registro de nascimento o nome da padroeira:

Para mim era o evento, eu não tinha tanto a noção de liturgia, catequese, a gente não tinha naquele tempo, mas para mim já era a festa, era a coisa mais linda do mundo, nós ficávamos ansiosos porque tinha a procissão, e queima de fogos, e assim eu fui crescendo com essas memórias mais antigas. Depois quando eu fiz 15 anos, eu tinha nitidamente a imagem de estar participando da festa da padroeira, que era muita gente, e se participava muito, vinha gente da zona rural. (informações verbais)¹.

Nesse relato observa-se a presença de uma religiosidade que é transmitida a partir da experiência, nas palavras de Jesus (2006): “Mesmo não excluindo práticas do catolicismo oficial, a devoção aos santos, amparada em orações, procissões e romarias, encarna um caráter familiar e social e, paralelamente, coletivo e individual.” (JESUS, 2006, p. 27). Para o ex vigário José Raimundo dos Santos Andrade Sales, a religiosidade popular é entendida como:

[...] a religião vivida pelo povo, é a religião sentida pelo povo e elaborada pelo povo, eu não diria que é uma religião sem elaboração teológica, mas não uma religião que vive de uma teologia, de uma experiência de fé que muitas vezes não passa pelos quadrantes e pelos ditames da elaboração da academia. A religiosidade popular é a fé vivida na simplicidade, a fé vivida no toque e tantos esses elementos do cheiro, do gosto, do sabor, é a religiosidade que entra pelos olhos, eu diria que a expressão da fé que passa por todos os sentidos que é acolhida no corpo, que é reelaborada também a partir de dentro. (informações verbais)².

Essa perspectiva dialoga com a que é apresentada pelo padre afastado do ministério, Antônio Gregório, quando reafirma o passar pelos sentidos:

[...] religiosidade popular, se assim a gente possa definir, tá dentro da identidade da própria pessoa, do próprio ser humano, no próprio catolicismo, principalmente aqui na Bahia, a gente não consegue conceituar, a gente vai viver, a gente sabe que tem, então são pessoas que você diz assim, são aqueles católicos de ocasião, eles não participam, mas um momento como esse, semana santa, de festa do padroeiro aflora, vem tudo à tona, que você às vezes não sabe porquê, mas você quer participar, você quer tocar, você quer carregar o andor, você quer tirar uma foto, enfim [...] (informações verbais)³.

¹ Depoimento fornecido por Maria do Bom Conselho Resende Ribeiro Correia Caldas, na cidade de Amargosa-Ba em setembro de 2021.

² Depoimento fornecido por padre José Raimundo dos Santos Andrade Sales, em entrevista por chamada de vídeo em abril de 2021.

³ Depoimento fornecido por Antônio Gregório Oliveira Filho, na cidade de Santo Antônio de Jesus-Ba em fevereiro de 2020.

Pode-se compreender que essa prática extrapola os limites do templo e da academia, muitas vezes causando estranhamentos, visto que tem origem no meio rural, em comunidades afastadas dos centros ou naquelas ditas como não letradas. Dentro dessa religiosidade, as devoções ganharam força, principalmente as voltadas à Nossa Senhora nos seus diversos títulos. As festas eram sempre precedidas de tríduos ou novenas, momentos de preparação para o grande dia celebrativo:

“[...] a cada ano a festa começava justamente com essa alvorada de manhã cedo, despertando e acordando a cidade de Amargosa para a festa de Nossa Senhora do Bom Conselho, e aí a gente ia notando como a cada dia a festa ia ganhando mais corpo.” (informações verbais)⁴.

Essa devoção à Nossa Senhora se popularizou no Brasil a partir do catolicismo de Portugal. Dentre as muitas tradições de devoções marianas, Cipolini (2010) destaca a devoção à Nossa Senhora do Rosário, ligada à ocupação da África pelos portugueses, vinda para o Brasil nos navios negreiros e à Nossa Senhora da Conceição, que originou a devoção à Nossa Senhora Aparecida.

Assim, conforme o autor, a figura de Maria, antes associada aos colonizadores tornou-se, posteriormente, aliada aos pobres e oprimidos, sendo um refúgio diante de uma religião do medo e um mundo violento.

A devoção à Nossa Senhora do Bom Conselho, cuja festa é objeto da presente pesquisa, tem origem na Igreja Primitiva da Itália, período em que havia grande perseguição aos cristãos. Nesse contexto, o povo encontrava refúgio em uma pintura de Nossa Senhora exposta em uma Igreja a ela dedicada, na cidade de Genezzano, havendo relatos de muitos milagres, sendo o principal deles a mudança da pintura de uma região para outra de modo inexplicável. Dessa forma, a devoção se espalhou pelo mundo, tendo chegado ao Brasil e, precisamente, à região de Amargosa.

Mas de que maneira essa religiosidade popular aparece nas festas da padroeira de Amargosa? Na fala de Maria do Bom Conselho, nome dado devido ao seu nascimento na data da referida festa, aparece uma tradição familiar, que demonstra a grandiosidade e importância da festa para a família:

⁴ Depoimento fornecido por padre José Raimundo dos Santos Andrade Sales, em entrevista por chamada de vídeo em abril de 2021.

Olha eu lembro que a gente veio de uma família católica, a festa da gente, aqui em casa era a festa da padroeira. Vinha primeiro do que São João, primeiro de que tudo, era festa da padroeira. Para mim em especial por ser meu aniversário” (informações verbais)⁵.

Em sua fala, ela relata ainda que a festa se iniciava na igreja e se estendia à rua, principalmente devido à comemoração do seu aniversário, o que tornava o evento religioso com um caráter ainda mais especial para ela:

Quando eu fui crescendo, comecei a trabalhar, aí a gente já tinha costume: os amigos, terminada a festa da padroeira, todo mundo vinha almoçar aqui em casa porque era aniversário, e isso foi um marco na minha vida, é sempre uma festa muito grande na minha vida. (informações verbais)⁶.

Além da religiosidade transmitida a partir de uma tradição familiar, é possível perceber que a festa da padroeira de Amargosa é muito marcada pelo espaço da rua. No primeiro momento, uma carreata anunciava pela cidade o início do novenário. No depoimento do padre José Raimundo dos Santos Andrade Sales, encontram-se relatos de como isso ocorria no período de recorte da pesquisa:

Interessante que D. João tinha uma queda para a comunicação, então D. João tinha um fusquinha, quando ele era pároco de Amargosa, ele saía com esse fusquinha ia para roça, e ele levava um amplificador e uma caixa de som e ele chegava lá na roça ligava esse amplificador, ligava aquela caixa..., não era a caixa de som, perdão, era um alto falante, colocava ali e ele ia falar [...] D. João teve uma outra iniciativa nessas coisas da comunicação, que era essa coisa do impacto, de começar a festa como alvorada de manhã cedo e parece com isso a coisa foi se estabelecendo, foi ganhando força e a cada ano a festa começava justamente com essa alvorada de manhã cedo, despertando e acordando a cidade de Amargosa para a festa de Nossa Senhora do Bom Conselho, e aí a gente ia notando como a cada dia a festa ia ganhando mais corpo. (informações verbais)⁷.

Assim, a festa da padroeira era precedida por um anúncio nas ruas e encerrada com uma procissão com grande proporção na cidade, de acordo com o depoimento de Antônio Gregório: “Você tem cem vezes mais a quantidade do que estava dentro

⁵ Depoimento fornecido por Maria do Bom Conselho Resende Ribeiro Correia Caldas, na cidade de Amargosa-Ba em setembro de 2021.

⁶ Depoimento fornecido por Maria do Bom Conselho Resende Ribeiro Correia Caldas, na cidade de Amargosa-Ba em setembro de 2021.

⁷ Depoimento fornecido por padre José Raimundo dos Santos Andrade Sales, em entrevista por chamada de vídeo em abril de 2021.

da igreja na procissão, até mais do que isso, é um mar de gente que participa da procissão, e fica até o final da procissão.”⁸

Nesse sentido, é possível relacionar esse fenômeno com o pensamento de Oliveira (2012) quando afirma que a procissão dá ao espaço da rua um sentido pessoal e próprio, dessa forma a rua ou a praça recebem uma nova interpretação com valores de sacralidade. Assim, a procissão no espaço de Amargosa forma a memória de um povo que dá significados particulares a esse evento que provoca a ruptura do cotidiano da cidade.

As discussões sobre memória e história, não se dissecam, sempre há uma característica a ser acrescida a estes importantes pontos de estudos. Foi nessa perspectiva que Sá, fez a seguinte observação, “a memória constitui uma prática social exercida por todos e quaisquer membros de uma dada sociedade humana” (SÁ 2015, p. 03), ou seja, a memória é própria de quem vive o momento e compartilha de várias sensações e experiências.

As procissões nas ruas da cidade de Amargosa, oportunizam a partir de quem a forma, momentos que marcam o devocional popular naquela localidade, exibindo as insígnias religiosas e com os louvores por meio dos cânticos, a memória de todas as pessoas que participam e daquelas que assistem o cortejo passar nas portas de suas casas. É justamente o que difere a memória que é própria do ser humano vivente, de história que existe como prática científica que pode ser remontada e conduzida a partir de diretrizes institucionais.

No desenvolvimento desta pesquisa, as fontes orais foram fundamentais para que tivéssemos esse panorama histórico a respeito da festa de Nossa Senhora do Bom Conselho, contudo, na linha científica existem algumas questões que colocam em xeque a oralidade, assim como qualquer fonte que esteja ao alcance das mãos para serem trabalhadas.

Uma dessas questões, esta diretamente ligada ao nível de confiança que devemos aplicar, como fala Bá (2010) na obra História Geral da África I, mais precisamente no capítulo 8, *A tradição viva*, quando discute sobre a oralidade como fonte histórica.

⁸ Entrevista concedida por OLIVEIRA FILHO, Antônio Gregório. Entrevista I. [02. 2020] Entrevistador: Fernando Borges Neri Rosário, 2020. arquivo .mp3 (49:08min).

Para alguns estudiosos, o problema todo se resume em saber se é possível conceder à oralidade a mesma confiança que se concede à escrita quando se trata do testemunho de fatos passados. No meu entender, não é esta a maneira de se colocar o problema. O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem. (Bá 2010, p. 168).

O trato da oralidade tem validade equivalente a qualquer outro tipo de fonte, o autor contrapõe os estudiosos que defendem essa linha e contesta apresentando igualdade documental da oralidade em relação a outro tipo de fonte. Portanto a oralidade soma a ciência como material que deve ser analisado, questionado e confrontado com outros materiais, como fotos e documentos, por exemplo.

2.2 AS PROCISSÕES NAS DIRETRIZES DA IGREJA CATÓLICA

A Igreja entende as festas de santos e procissões como fruto da religiosidade popular, a qual é vista como uma rica e profunda religiosidade, sobretudo para os povos latino-americanos, devendo ser promovida e protegida. No ano de 1992 foi realizada a Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, em Santo Domingo, República Dominicana, conduzida pelo papa João Paulo Segundo. A respeito da religiosidade popular, foi afirmado pelo pontífice que:

A religiosidade popular é uma expressão privilegiada da inculturação da fé. Não se trata só de expressões religiosas, mas também de valores, critérios, condutas e atitudes que nascem do dogma católico e constituem a sabedoria de nosso povo, formando-lhe a matriz cultural. Esta celebração da fé, tão importante na vida da Igreja da América Latina e do Caribe, está presente em nossa preocupação pastoral. (CNBB, 1992, p. 82).

A exortação que a igreja católica faz por meio da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil a respeito da religiosidade popular, coloca as práticas celebrativas como sendo fruto do magistério ensinado no dia a dia da vida religiosa. Neste caso, há um ciclo onde os sujeitos religiosos formam cotidianamente o seu intelecto e espiritual no seio da igreja, e nela praticam religiosamente os ensinamentos recebidos, com aspectos reformulados pela cultura local ou de grupo. A igreja que a séculos caminha sob dinâmicas clericais, desenvolve a partir do envolvimento popular nas entranhas da igreja, os aspectos laicais onde o povo com sua particularidade cultural

transforma a maneira de celebrar a fé, outrora tida como práticas engessadas e extremamente protocolar, em vivências expressivas a seu modo, não deixando de observar os ensinamentos institucionais da igreja.

Conforme o bispo dom Klaus (2011), as peregrinações, procissões e romarias representam para a Igreja a passagens bíblicas do Antigo Testamento do povo a caminho da terra prometida. Também representam a caminhada para o encontro com Deus. Desde as manifestações mais simples como acender uma vela, até as grandes caminhadas aos santuários, são aprovadas pela Igreja e são entendidas como forma de levar os fiéis a uma vivência e experiência com o Sagrado.

Gordiano (2016) argumenta sobre as três dimensões presentes nas festas de padroeiros: religiosa, social e cultural. Na primeira, a festa se adapta à realidade de cada comunidade, podendo ocorrer celebrações em três noites (tríduos), nove noites (novenas), treze noites (trezenas), entre outras realidades. Nessas ocasiões, celebra-se a Palavra de acordo com o rito litúrgico. No dia da festa dos padroeiros, ocorrem as procissões. Desse modo:

Imprime-se todo o esforço possível para que a equipe pastoral possa se fazer presente e, quando o padre vem junto com ela, celebra-se a eucaristia. Quando não há padre, os leigos da equipe ou o dirigente da comunidade presidem a celebração da Palavra.” (GORDIANO, 2016, p. 161).

A dimensão social contempla a alegria do encontro nas comunidades através das quermesses, bingos e leilões. Para o autor, esse ponto é problemático, pois passa por interesses econômicos, a exemplo das grandes procissões como o Círio de Nazaré ou as peregrinações à Aparecida, por exemplo, que causam movimento na economia local. Conforme o autor: “[...] gradativamente o que era expressão de uma fé pessoal e familiar ganhou cunho de promoção econômica, pouco importando a experiência religiosa” (GORDIANO, 2016, p. 162). Esta é possível observar no trecho do relato de Maria do Bom Conselho:

Quando eu era adolescente, aí a gente tinha aquela história do parque, até hoje os coroinhas participam do parque lá no bosque, que antes era aqui no jardim, e a gente já tinha aquela história de terminar, de ir para o parque, era o dia de festa, de festa do coração, de festa da família. (informações verbais)⁹.

⁹ Depoimento fornecido por Maria do Bom Conselho Resende Ribeiro Correia Caldas, na cidade de Amargosa-Ba em setembro de 2021.

A presença do parque e das barracas também contribuía para a atração, tanto dos fiéis quanto daqueles que não partilhavam da religião. Além da criação de memórias como a relatada por Maria do Bom Conselho, esses investimentos fortaleceram a festa, pois os comércios locais viam uma possibilidade de lucro.

A dimensão cultural, por sua vez, se trata da identidade de um povo que exerce práticas da religiosidade popular, criando-se uma tradição através de costumes, orações, cantos, rezas, gestos e símbolos próprios.

Nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil para os anos de 1995 a 1998, os bispos do Brasil traziam como desafios: “[...] trabalhar mais com as massas e não se fechar em pequenos grupos; acolher melhor a religiosidade popular e respeitar mais seu universo simbólico [...]” (CNBB, 1995, p.51).

Para isso, as comunidades foram orientadas para dar atenção às práticas de religiosidade popular e promover encontros de massa que atraíssem grande parcela da população, em busca de trazer os católicos não praticantes ou pouco assíduos.

O documento também afirma que: “a evangelização exige a enculturação da fé e o respeito pelos valores próprios de cada grupo humano. Nesse sentido, a religiosidade popular é um caminho privilegiado de evangelização [...]” (CNBB, 1995).

Assim, as práticas dessa religiosidade para a Igreja são entendidas como uma oportunidade de testemunhar publicamente a fé. Estabelecendo o contato entre o sagrado e o profano, há uma ruptura com o cotidiano, além disso, a Igreja vê o momento do cortejo como propício para atrair fiéis, pois entre as pessoas que seguem há muitos que não são católicos ou que o são, mas não praticam a religião.

Uma forma particularmente importante de símbolo religioso é o rito, que pode ser definido como ação simbólica, constituída de gesto ou palavra interpretativa, tendo uma estrutura institucionalizada de caráter tradicional, que favorece a participação comum e a repetição. [...] (SARTORE & TRIACCA 1992, p.20)

Os símbolos da igreja católica tendem a carregar consigo um emotivo que remete os cristãos que deles fazem uso a uma dimensão elevada de religiosidade, tanto dentro como fora do templo. A cada vez que a igreja toma as ruas para

expressar sua fé e viver sua religiosidade, ela tem a intenção de testemunhar e sacralizar o que não é. Isso acontece como a citação de SARTORE & TRIACCA (1992) mostra, o primeiro grande símbolo é o rito, nesse aspecto pode ser entendido como um símbolo formado pelo povo, em favor do próprio povo.

Contudo, as características tradicionais estruturais perdem o foco quando a iniciativa popular entra em cena, e faz daquele momento, único, e com a despreensão de repetir rito simbólico. A desconstrução dos atos conservadores é o aspecto que por vezes se torna responsável da releitura dos símbolos, tal qual a cruz para a igreja, que desde os primórdios deixou de ser um símbolo da cultura de morte para se tornar sinal de esperança para a fé católica.

Fazendo um destaque para a questão simbolismo, podemos tomar como exemplo a festividade de Nossa Senhora do Bom Conselho. Antes mesmo de enxergarmos o ato processional como símbolo, nos deparamos com a figura de Maria, a festejada na cidade de Amargosa. Souza (2017) diz que, é tradição na igreja católica homenagear os grandes personagens de sua história, que com bravura, coragem e fé dedicaram suas vidas em favor do seu povo.

O simbolismo se concretiza quando a igreja eleva a honra dos altares homens e mulheres que souberam viver sua fé, e posteriormente as entregam ao povo, a fim de que cada um se inspire nesses testemunhos de vida e sigam também a exemplo de seus passos, quando também este mesmo povo carrega as insígnias, relíquias e imagens desses santos professando a sua fé em Deus e rogando a defesa desses já santificados em favor da misericórdia divina.

2.3 TRADIÇÃO: ORIGEM DA DEVOÇÃO E SIGNIFICADOS DAS PROCISSÕES NOS ESPAÇOS URBANOS DE AMARGOSA

O devocional dos fiéis católicos da cidade de Amargosa, sustenta a cada ano práticas que dão forma a tradição religiosa também por ocasião dos festejos de Nossa Senhora do Bom Conselho. São muitos os significados para as centenas de fiéis que participam de momentos dos festejos da padroeira e principalmente no dia da festa, 26 de abril.

Assim como no mundo inteiro existem as procissões da semana santa, Corpus Cristh e outros movimentos de rua além da procissão da padroeira que é uma ocasião que superlotam as ruas da cidade. As motivações pessoais dão fervor ao ato

devocional, não bastando as paredes da igreja matriz, mas abrangendo a rua carregando nas mãos a imagem da padroeira a quem devotam a fé pelo testemunho de vida que ela deu, antes de tudo por ser a mãe de Jesus.

As procissões da padroeira agregavam muitas pessoas que inclusive não participavam fervorosamente da novena ou tríduo que acontecia antes da grande festa, eram momentos de devoções, fé, reencontros de amigos e familiares, confraternização e louvor em comunidade.

Era o evento principal da cidade. Hoje a gente tem tantos outros eventos, mas era o evento principal, não só pelo fato de ser feriado, mas é um evento que para a cidade, me refiro ao dia da festa. A procissão em si, tem um número considerável de pessoas que você não vê no dia a dia. (informações verbais)¹⁰.

Conforme o depoimento de Antônio Gregório, a festa de Nossa Senhora do Bom Conselho era o evento principal da cidade de Amargosa. Foi possível notar que um dos motivos da participação numerosa no evento era devido a um sentimento de pertencimento, visto que a padroeira não se restringe ao espaço da cidade apenas, mas de toda a diocese.

Além disso, há aspectos sociais e culturais que podem ser identificados nessa participação, como é possível perceber no relato de Maria do Bom Conselho:

Toda a família pobre é assim, a gente ganhava uma roupa nova por ano, não podia ter mais de uma porque era muita gente, e as condições não davam, e eu lembro que a minha era sempre na festa da padroeira. Mainha também tinha muitos filhos e nem sempre podia ir, por mais que ela gostasse. Eu ia como uma senhora idosa que tinha aqui chamada de dona Moça. Isso eu devia tiver uns dez anos. (informações verbais)¹¹.

Aqui é possível perceber a forma como a festa movimentava uma estrutura social, de modo que o povo entendia a necessidade da “melhor roupa” para o templo. Por outro lado, essa necessidade não era vista na procissão: “os pobrezinhos na

¹⁰ Depoimento fornecido por Antônio gregório Oliveira Filho, na cidade de Santo Antônio de Jesus-Ba em fevereiro de 2020.

¹¹ Depoimento fornecido por Maria do Bom Conselho Resende Ribeiro Correia Caldas, na cidade de Amargosa-Ba em setembro de 2021.

procissão muitas vezes, uns ia pagando uma promessa, então você podia ir descalço, se você tiver descalço na procissão ninguém vai ignorar [...]”¹²

Assim, compreende-se o momento do cortejo como uma vivência mais livre da fé, na qual o povo podia sentir-se mais “à vontade”. Porém isso não se reduz à uma caminhada somente, pois: “[...] eram pessoas que faziam questão de tocar, de carregar o andor, de tocar na imagem, de fazer com que os seus filhos estivessem trajados de anjo [...]”¹³

Quanto as origens da devoção à Nossa Senhora do Bom Conselho no território de Amargosa, de acordo com os depoimentos, não se têm pistas e não se sabe ao certo como se deu o processo de escolha da padroeira, o ex vigário José Raimundo dos Santos Andrade Sales apresentou algumas hipóteses:

[...] hoje eu sei que há um tempo essa devoção de Nossa Senhora do Bom Conselho é muito ligada aos padres agostinianos, é inclusive lá no santuário de Genazzano que tem essa presença dos padres agostinianos, mas não conheço, eu não sei a partir de quando eles custodiam essa devoção, essa é a primeira coisa, depois não sei se existe uma passagem deles por aí. (informações verbais)¹⁴.

Outra pista mencionada pelo ex vigário é o incentivo e a presença do bispo Dom João Nilton, o qual iniciou o bispado no território de Amargosa ano de 1988:

Dom João já era o bispo, nós vamos estar ali em 1992. Para a preparação da festa do cinquentenário, o que é que houve? Uma visita da imagem peregrina de Nossa Senhora do Bom Conselho em todas as paróquias da diocese, houve uma peregrinação em todas as paróquias, foram visitadas pela imagem de Nossa Senhora do Bom Conselho. Então Dom João teve esse papel forte juntamente com esses padres que aí estavam, de divulgar Nossa Senhora do Bom Conselho, como padroeira da diocese de Amargosa e visibilizar isso. (informações verbais)¹⁵.

¹² Entrevista concedida por ANDRADE SALES, José Raimundo dos Santos. Entrevista II. [04. 2021] Entrevistador: Fernando Borges Neri Rosário, 2020. arquivo .mp3 (49:08min).

¹³ Entrevista concedida por OLIVEIRA FILHO, Antônio Gregório. Entrevista I. [02. 2020] Entrevistador: Fernando Borges Neri Rosário, 2020. arquivo .mp3 (49:08min).

¹⁴ Depoimento fornecido por padre José Raimundo dos Santos Andrade Sales, em entrevista por chamada de vídeo em abril de 2021.

¹⁵ Depoimento fornecido por padre José Raimundo dos Santos Andrade Sales, em entrevista por chamada de vídeo em abril de 2021.

Ainda de acordo com o padre, contribuíram para internalização dessa devoção na diocese de Amargosa os Padres Miguel Silva e Manoel Fernando Araújo. No ano de 1992, para celebrar o cinquentenário da diocese, fez-se uma peregrinação em todas as paróquias com visita da imagem de Nossa Senhora do Bom Conselho, o que foi fundamental para a divulgação do título escolhido para a paróquia e diocese.

Conforme o entrevistado, até 1992 não se tinha tão forte a devoção à Nossa Senhora do Bom Conselho, este não se lembra de ter visto imagens dela em seu período de seminário. Para o padre, a devoção e o título de Nossa Senhora do Bom Conselho se restringiu a um ambiente clerical, não sendo tão popular como as devoções a Santo Antônio ou a São Cosme e São Damião por exemplo:

Se você for olhar talvez, até do ponto de vista devocional, não sei se você tem tanto essa devoção à Nossa Senhora do Bom Conselho, ela é uma festa que acontece na igreja, acontece no interno da paróquia, mas ela não é por exemplo, como uma festa de São Cosme e São Damião, não é como trezena de Santo Antônio, não é como a reza de São Roque, e eu acho que esse fato também da iconografia, de uma ausência de uma imagem, que até o conselho é uma coisa muito teórica né, é uma coisa que tá na cabeça, o que é a imagem expressa de um conselho? O que é que diz? O que é que fala com isso? (informações verbais)¹⁶.

Nesse contexto, na perspectiva do ex vigário, a devoção à Nossa Senhora, em si, na diocese não possui origem popular: “até a imagem é uma imagem que vem da França, ela me soa um pouquinho aristocrática, alguém de Amargosa que foi viver na França não sei quem é, não conheço nome, mas já é uma coisa assim um pouquinho[...]”¹⁷ Antônio Gregório Oliveira Filho também reforça a popularidade de outros santos como são Roque e Santo Antônio, no entanto, levanta outro aspecto que tornou a devoção a Nossa Senhora do Bom Conselho mais querida nesse espaço:

[...] na cidade Nossa Senhora tem esse destaque, vou chamar assim, de preferência em relação a devoção aos outros, eu acredito que se fosse outro, aí tem sempre posição, mas não teria essa força de agregação, que tem Nossa Senhora, pelo fato de ser Nossa Senhora, de um sentimento muito mais materno [...]. (informações verbais)¹⁸.

¹⁶ Depoimento fornecido por padre José Raimundo dos Santos Andrade Sales, em entrevista por chamada de vídeo em abril de 2021.

¹⁷ Entrevista concedida por OLIVEIRA FILHO, Antônio Gregório. Entrevista I. [02. 2020] Entrevistador: Fernando Borges Neri Rosário, 2020. arquivo .mp3 (49:08min).

¹⁸ Depoimento fornecido por Antônio gregório Oliveira Filho, na cidade de Santo Antônio de Jesus-Ba em fevereiro de 2020.

Neste trecho do depoimento de Antônio Gregório de Oliveira Filho o que entra em questão é a popularidade do santo festejado, quanto mais popular o Santo é, maior a sua devoção. Este fenômeno deve-se a tradicionalidade de festejar que é ensinada através das gerações. O culto a Nossa Senhora existe desde os primórdios da igreja católica, convém destacar o fato de que neste caso não se trata somente da popularidade do nome, mas por conta da ligação maternal entre ela e Jesus, ela e o povo.

Padre José Raimundo dos Santos Andrade Sales afirma que pode haver na escolha da padroeira um caráter elitista: “[...] porque nem tudo o que pertence a um povo necessariamente é popular, tem os elementos da identidade do povo brasileiro [...], mas a gente define como um aspecto elitista, necessariamente não de matriz popular.”¹⁹

A respeito da procissão, o entrevistado compreende que aí está o elemento popular: “A procissão é um elemento popular, é um elemento no qual o povo se encontra, é uma expressão do ser povo, e eu diria assim.”²⁰

Para ele, no momento da procissão, o povo poderia se sentir mais livre desde o vestir, para aqueles que não tinham condições de ter um calçado ou uma roupa adequada, como também no aspecto social:

A procissão era aquele lugar também onde o povo usava sua língua, as missas antigas eram missas cantadas em latim, o povo não entendia, hoje é óbvio que a gente, a mais de 50 anos não vive mais isso, mas tem coisas que ficam arraigados, que elas vão sendo transmitidas até num processo de inconsciência, às vezes a gente nem sente isso. (informações verbais)²¹.

Sobre a definição de popular, em seu estudo sobre essa cultura na Idade Moderna, Peter Burke afirma que, nesse período da História, havia uma grande tradição, a qual era transmitida de modo formal em liceus e universidades e excluía aqueles que não tinham acesso àquela linguagem, enquanto havia uma pequena

¹⁹ Entrevista concedida por ANDRADE SALES, José Raimundo dos Santos. Entrevista II. [04. 2021] Entrevistador: Fernando Borges Neri Rosário, 2020. arquivo .mp3 (49:08min).

²⁰ Entrevista concedida por ANDRADE SALES, José Raimundo dos Santos. Entrevista II. [04. 2021] Entrevistador: Fernando Borges Neri Rosário, 2020. arquivo .mp3 (49:08min).

²¹ Depoimento fornecido por padre José Raimundo dos Santos Andrade Sales, em entrevista por chamada de vídeo em abril de 2021.

tradição, que era transmitida informalmente e aberta ao povo nas igrejas, tabernas e praças (BURKE, 2010).

Nesse sentido, uma maioria participava dessa pequena cultura que se desenvolvia nas apresentações, nas famílias e na rua, na dinâmica do povo, enquanto uma minoria tinha acesso à grande tradição, mas também era influenciada por essa cultura popular. Segundo Ortiz (apud FRANKLIN; AGUIAR, 2018), o conceito de popular está ligado ora ao contraste entre classes subalternas e elite, ora aquilo que parte do povo e constitui uma cultura nacional.

Conforme Chartier (1995) é possível reduzir as definições de cultura popular em dois grandes campos:

O primeiro, no intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irredutível da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. (CHARTIER, 1995, p. 179).

Para o autor, afirmações que colocam em contraste a cultura popular e a cultura de elite devem ser postas em dúvida, pois estas não são tão radicalmente e as práticas e modelos são compartilhados. Desse modo, o popular e o elitista são, ao mesmo tempo, aculturados e aculturantes. (CHARTIER, 1995).

Assim, há na festa de Nossa Senhora do Bom Conselho em Amargosa influências elitistas na escolha da padroeira, formais nas celebrações e ritos litúrgicos e elementos populares a partir do momento que a festa é celebrada com gestos, símbolos, cantos e orações do povo, os quais são transmitidos nas famílias e comunidades, preservados pela religiosidade popular e acolhidos pela Igreja.

3 A REZA, O CANTO E A ARTE: TRÊS PILARES DA TRADIÇÃO E DA FESTA.

Durante todo o trajeto definido para a passagem da procissão, muitos eram os elementos que caracterizavam a devoção a padroeira, como por exemplo, as rezas puxadas por aquelas pessoas que já tinham a incumbência de dinamizar a procissão intercalando músicas e rezas, os cantos entoados fazendo referência a Virgem Maria e a Jesus Cristo, e a arte que adornava tanto as ruas por onde a padroeira passava em cortejo, quanto e não menos importante, o andor que os fieis conduziam em seus ombros com a imagem da Santa.

A devoção mariana na cidade de Amargosa não é visível ou perceptível apenas em período de festas da padroeira ou em momentos semelhantes, segundo o bispo emérito²² da Diocese de Amargosa²³, João Nilton dos Santos Souza, tal devoção na vida de muitas pessoas começam de berço. Conforme ele relata:

[...] a devoção a Nossa Senhora com esse título foi tomando conta da alma do povo. Você vai encontrar ainda muitas mulheres com o nome de Maria do Bom Conselho, tanto no passado como ainda no presente. [...] (informações verbais)²⁴.

Esta pontuação feita pelo bispo, foi atestada por Maria do Bom Conselho Resende Ribeiro Correia Caldas, uma pessoa da comunidade que também foi entrevistada.

[...] a gente veio de uma família católica, então, a festa da gente, aqui em casa, era a festa da padroeira. Vinha primeiro do que a festa de São João, [...] para mim é especial também por ser meu aniversário. [...] primeiro vem a devoção, depois vem o nascimento, porque Nossa Senhora não é quem é por causa de mim, meu nome é Maria do Bom Conselho por causa dela (informações verbais)²⁵.

²² O título de bispo emérito é dado ao prelado cuja carta de pedido foi aceita pelo papa. Emérito, é o mesmo que aposentado. Os motivos para renúncia são diversos, entre eles idade, estado de saúde ou algum tipo de implicação canônica.

²³ A paróquia Nossa Senhora do Bom Conselho pertence ao território a área episcopal ou diocese que leva o mesmo nome da cidade, Amargosa e a mesma é a sede do bispado.

²⁴ Depoimento fornecido por Dom João Nilton dos Santos Souza, na cidade de Amargosa-Ba em agosto de 2022.

²⁵ Depoimento fornecido por Maria do Bom Conselho Resende Ribeiro Correia Caldas, na cidade de Amargosa-Ba em setembro de 2021.

Os dois recortes acima, trazem duas características que envolvem o devocional dos fieis católicos da cidade de Amargosa. O primeiro está ligado diretamente a uma prática de os pais confiarem os filhos a proteção de algum santo que fortemente falasse a sua fé, neste caso, Nossa Senhora do Bom Conselho, e para esta devota em especial, nasceu no dia da festa da padroeira.

A segunda característica está ligada diretamente a dimensão da devoção, potencializando a sua importância, colocando-a acima, inclusive do significado do dia 26 de abril como dia do seu aniversário. A devoção particular, é capaz de se anular ou colocar-se em segundo plano, reservando aquele dia para celebrar a padroeira.

Conforme Souza (2013), “as festas católicas possuem um sentido intimamente ligado à celebração da renovação. Celebra-se o renascimento da vida que triunfa sobre o mal a partir de Cristo”. Todavia é importante destacar que, a devoção popular vai constituir diferentes realidades e trazer variados significados para o grande número de peregrinos devotos de Nossa Senhora do Bom Conselho. Quando voltamos nossa atenção para estes dois relatos, notamos que ambos vêm carregados de suas memórias e conhecimentos históricos, sejam eles pessoais ou que envolvam mais indivíduos.

Sobre memórias, segundo Gustavo Ribeiro na obra *Historia oral: Lugares e desafios*, toda memória individual é, ainda, o resultado de um processo de sociabilidade, uma constante negociação entre uma memória coletiva e uma apropriação de sentidos e significados individuais, ou seja, toda memória é produto de uma experiência de comunidade, logo “memória coletiva não é somatório das memórias individuais, mas aquela que se fundamenta nas redes de interação, redes estruturadas e imbricadas em circuitos de comunicação” (apud MENEZES, 2007, p. 26).

Essa é a razão da não concepção da memória e do relato oral como elementos inteiramente particulares, sempre haverá um elemento, lugar ou situação, ou ainda sujeitos que compartilharam daquela vivência. No trato das devoções populares a Nossa Senhora do Bom Conselho também não é diferente, a festa em si, antes de qualquer coisa ela é social, porque há de se compartilhar os versos, recitações de orações, os sentimentos de fé e as motivações do momento, daí, constitui-se os caracteres religiosos a partir de um grupo.

A rezas durante o percurso processional por sua vez, caracterizam a súplica a padroeira por motivos particulares ou preces comunitárias. Rezar em comunidade significava a ampliação das forças oracionais para que logo o favor divino viesse.

Uma das orações mais populares do catolicismo e tradicional, é a Ave Maria²⁶, tanto no cotidiano, quanto nas manifestações públicas dos fieis nas ruas. Fundamentada biblicamente na saudação de um anjo, ela acompanha o devocional popular, ao passo que, narra a saudação a Virgem Maria, como é relatado neste livro de Lucas, um dos quatro evangelistas.

O anjo entrou onde ela estava e disse: 'Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!' Maria ficou perturbada com estas palavras e começou a pensar qual seria o significado da saudação. O anjo, então, disse-lhe: 'Não tenhas medo, Maria, porque encontraste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, a quem porás o nome de Jesus. (LUCAS 1, 26-38).

Texto da Oração da Ave-Maria

“Ave Maria, cheia de graça, o Senhor é convosco,
 Bendita sois vós entre as mulheres
 E bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus.
 Santa Maria, Mãe de Deus,
 Rogai por nós pecadores,
 Agora e na hora da nossa morte.
 Amém”

A estrutura do texto trás dois aspectos interessantes e que reforça a relação prece pessoal, necessidade e prece comunitária. A primeira parte como já dito anteriormente, se fundamenta na saudação do anjo, enfatizando suas graças e qualidades, aí firma-se a condição divina na perspectiva dos fiéis.

A segunda parte²⁷ expõe a suplica, que fala a partir do medo do estado de

²⁶ O seu uso como fórmula de oração começou nos mosteiros, em torno do ano 1000 e foi, aos poucos, se difundindo, tornando-se universal após o século XIII.

²⁷ Foi somente no século XV que se acrescentou a segunda parte da Ave Maria: “Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores agora e na hora de nossa morte. Amém.” E foi nesta época também que se acrescentou o nome “Jesus” no final da primeira parte. Esta segunda parte é de origem popular-ecclesial e também foi surgindo aos poucos. Vale a pena lembrar o sermão no qual S. Bernardino de

morte, e até o momento da morte. Aí completa o retrato da ligação com o divino, quando o fiel se reconhece mortal e incapaz diante da divindade de Maria. Segundo Reis (1991), “[...] celebrar bem os santos de devoção representava um investimento ritual no destino após a morte – além de tornar a vida mais segura e interessante”

Deste modo, ao celebrar a padroeira o empenho era eficaz por parte da organização, e a participação fervorosa em relação aos fiéis que além de tal investimento de fé, fazia-se investimentos no trato com a padroeira, tornando-a mais de perto, mais de casa em suas orações. Com isso, o padre José Raimundo em sua fala, explica a partir dos seus conhecimentos que para além da santa, aquela que é festejada, existe a companheira daqueles que a ela se dirigem:

[...] a igreja começa a ter muitas expressões de carinho para com Miriam, chamam-na de cheia de graça, e a igreja ao invocá-la, ao dirigir a sua oração para ela, a chama também de Santa Maria, outro título dado a Maria, a Santa, a toda Santa. Tem uma jaculatória antiquíssima na igreja que é, “Tota pulchra es Maria, in te non originaliter” toda a bela tu és Maria em ti não a marcha original [...] (informações verbais)²⁸.

Tanto o relato bíblico quanto o depoimento acima colocado, tratam a figura da Santa como alguém que sempre esteve submissa a Deus e perto do povo, daí a necessidade dos diversos títulos, para cada localidade ou necessidade. Deste modo, fazer a ligação espiritual com a Santa não seria difícil para o povo peregrino de Amargosa, que anualmente repete a tradição e a devoção.

Em todo o percurso processional, ouve-se cantos, ladainhas, jaculatórias²⁹ e louvores, que ressoam da boca dos fiéis que levam para a rua a imagem da padroeira e fazem o seu testemunho de fé. Entre uma Ave-Maria e outra, a cada rua que a procissão percorria, cantava-se o hino da padroeira, uma poesia cantada que em cada

Senna (+ 1444), ao comentar a Ave-Maria, disse que, ao final desta, se poderia acrescentar “Santa Maria, rogai por nós pecadores”. A súplica a Maria, começa com o adjetivo santa, porque Maria é a primeira entre todos os santos venerados pela Igreja, pois somente Ela é “cheia de graça”. A fórmula atual da Ave Maria, que se difundiu lentamente, foi divulgada no breviário publicado em 1568, por ordem do papa Pio V.

Fonte: <https://www.a12.com/academia/artigos/como-surgiu-a-oracao-da-ave-maria>

²⁸ Depoimento fornecido por padre José Raimundo dos Santos Andrade Sales, em entrevista por chamada de vídeo em abril de 2021.

²⁹ A jaculatória é uma oração curta e fervorosa de repetição.

verso exprime uma prece e um louvor.

HINO A NOSSA SENHORA DO BOM CONSELHO

REFRÃO

**Ó virgem, ó Mãe querida
Teu Bom Conselho vem nos dar
Maior conforto na vida, e mais razão de lutar,
Maior conforto na vida, mãe querida
Vem nos dar!**

ESTROFES

Ó Maria, nos deste um belo exemplo
De coragem, de amor e de fé;
Quando a morte rasgava o véu do templo,
Junto a cruz tu estavas de pé.

Ouve o brado repleto de esperança
Deste povo que vive no Senhor,
Quanto mais sua vida em nós avança
Tanto mais te devemos amor.

A palavra que Deus te dirigia
Encontrava tão nobre aceitação,
Faz também que não falte em nós, Maria
A resposta que vem do coração.

Teu Conselho de Mãe sempre bondosa
Faz feliz todo filho que o seguir
É por isso que o povo de Amargosa
Por teus passos se deixa conduzir.

Música – Maestro Pedro Giuntini

Letra – J. R. Galvão

A letra do hino acima transcrito, é dedicado à Nossa Senhora do Bom Conselho, entoado nas solenidades da festa, tanto no novenário, quanto nas duas solenidades do dia da padroeira, a missa solene e a procissão. Segundo Maria do Bom Conselho Resende Ribeiro Correia Caldas, na cidade só se tem conhecimento de dois hinos a padroeira, mas os fiéis na maioria das ocasiões utilizam mais o hino acima.

[...] olha, nós temos um hino de Nossa Senhora, o nosso, que foi feito pelo padre José Raimundo Galvão, e tem um hino de Nossa Senhora que é geral. Aqui em Amargosa a gente só tem dois hinos que é o “Virgem Piedosa” o geral, e o “Ó virgem, ó Mãe querida” que é composição do padre José Raimundo Galvão, que é também o hino da diocese. Eu só conheço esses dois. A gente fica naquela expectativa no final da missa, “qual hino vai cantar? “ Porque fica alternando entre os dois, mas os dois são lindos e a gente ama. (informações verbais)³⁰.

O segundo hino “Virgem Piedosa”, na verdade mais antigo, não é muito utilizado pelos fiéis de Amargosa, ele tem a sua autoria e datação desconhecida. A presença da música ou dos cânticos na festa da padroeira eram de fundamental importância para a constituição do grupo de elementos que compunha a festa, tanto para a beleza, bem como elemento oracional, não só no dia da festa, mas desde o primeiro dia da novena. Para Petruski (2008), o canto é um elemento de suma importância para uma celebração litúrgica³¹, pois expressa e ressalta a busca do amparo material para o homem. Em função disso,

“Não se pode cantar qualquer canto, em qualquer celebração, ou em qualquer hora da celebração, pois para cada tempo litúrgico e solenidade se comemora uma faceta do mistério de Cristo, e o canto proporciona o brilho típico de cada

³⁰ Depoimento fornecido por Maria do Bom Conselho Resende Ribeiro Correia Caldas, na cidade de Amargosa-Ba em setembro de 2021.

³¹ São celebrações em que povo se congrega para entrar em comunhão com Deus. Supõe-se tratar de pessoas que têm fé em Deus, conhecidas como fiéis ou crentes. Como se dá essa comunhão-comunicação? Mediante orações, pedidos de perdão, louvores, súplicas, aclamações, cantos, símbolos e gestos simbólicos. Antes de dar exemplos de celebração litúrgica, escrevo brevemente sobre o rito. Fonte: <https://www.paulus.com.br/portal/o-que-sao-celebracoes-liturgicas/#.Yy5HPS3OrLY>

um desses tempos e de cada festa religiosa, expressando de modo adequado o conteúdo da celebração". (PETRUSKI 2008, p. 153).

Essa definição explica a diversidade de cantos nas liturgias e nas procissões. Nas procissões da padroeira, portanto, maioria dos repertórios são identificados como de devoção mariana, ou seja, voltados a Maria e a Jesus Cristo.

É importante destacar que, nas manifestações religiosas quer sejam caminhadas penitenciais ou santoral, haveremos de encontrar músicas que falem da Virgem, por ser ela a Mãe de Jesus, desta forma é fácil encontrar esses tipos de cantos nas caminhadas penitenciais, e tantos outros momentos não litúrgicos.

Nas figuras abaixo encontra-se um exemplar do livro de cantos da missa solene da padroeira Nossa Senhora do Bom Conselho do ano de 1986, datada e conservada em acervo pessoal do bispo emérito D. João Nilton.

É possível observar nas figuras algumas características da festa do ano acima citado. Nesta festa em específico, celebrava-se o jubileu cinquentenário da inauguração da catedral³² de Amargosa. Embora nossa pesquisa trabalhe a festa de Nossa Senhora do Bom Conselho, não podemos ignorar o fato de que a igreja matriz da paróquia de Amargosa, também é sede catedral da Diocese de Amargosa. Também em decorrência do cinquentenário, foi confeccionado essa espécie de bandeirola e distribuído entre os fiéis na festa daquele ano.

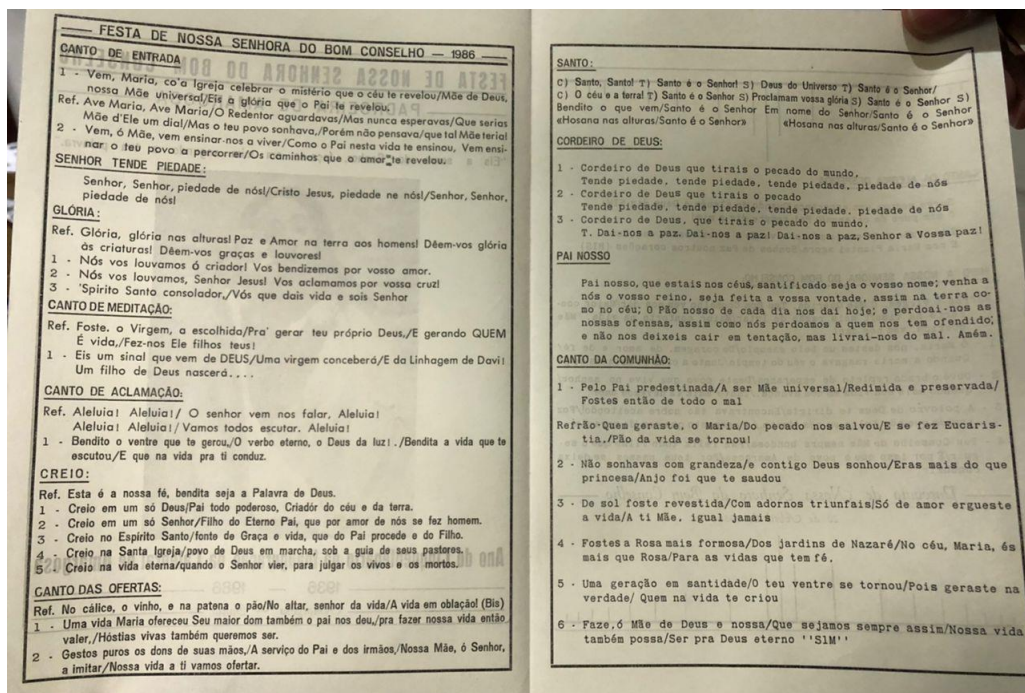
³² Catedral ou Sé é o templo cristão em que se encontra a sede de um bispo e uma diocese, com seu cabido. Deriva do latim cathedra (cátedra, cadeira), de maneira que o nome catedral faz referência ao trono do bispo.

Figura 1 - Capa do livreto de cantos da missa solene



Fonte: Acervo particular D. João Nilton

Figura 2 - Interior do livreto com os cantos dispostos por ritos litúrgicos



Fonte: Acervo particular D. João Nilton

Figura 3 - Lembrança distribuída aos fiéis



Fonte: Acervo particular D. João Nilton

Além desta informação, a capa do livreto também traz o temário da festa, “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”³³. A comunidade paroquial refletia durante a festa daquele ano, a resposta que a Virgem Maria dera ao anjo quando o mesmo a visitou e saudou-a, “Ave-Maria”. Segundo o bispo emérito D. João Nilton, a festa de Nossa Senhora é guiada por um temário que é refletido desde o início do novenário até o dia da festa.

À noite, abertura da novena com a celebração da eucaristia, é um movimento também que agrega muita gente, que já motivou pela própria carreata, além do aspecto devocional. E assim, segue-se o novenário de forma a obedecer um roteiro a partir de um tema central, se refletia até o dia da festa. (informações verbais)³⁴.

³³ Os temários instituídos para celebrar nas festas dos padroeiros em toda diocese, são frutos dos trabalhos e reuniões do clero da diocese. É composta uma equipe de padres que elaboram esses temários para ajudar na catequese dentro das liturgias de solenidades de padroeiros.

³⁴ Depoimento fornecido por Dom João Nilton dos Santos Souza, na cidade de Amargosa-Ba em agosto de 2022.

Ainda discutindo o canto na festa da padroeira, tendo visto a força da expressão de fé a partir do mesmo e a importância que ele tomava dentro da liturgia, o Concílio Vaticano II, achou por bem padronizar os cantos utilizados nas celebrações para que melhor ajudasse o povo a rezar.

Na verdade, cumularam de louvores o canto sacro, tanto a Sagrada Escritura quanto os Santos Padres e os Romanos Pontífices, que recentemente, a começar por São Pio X, definiram mais claramente a função ministerial da música sacra no culto do Senhor.

Por esse motivo a música sacra será tanto mais santa quanto mais intimamente estiver ligada à ação litúrgica, quer exprimindo mais suavemente a oração, quer favorecendo a unanimidade, quer, enfim, dando maior solenidade aos ritos sagrados. (Doc. Conc. Vaticano II).

Este posicionamento por parte dos representantes da igreja, serviu também para tornar claro o que é dito litúrgico e não litúrgico³⁵, o que pode ou é aceitável numa missa. O fenômeno distintivo entre música dita litúrgica e não litúrgica não acontece quando o assunto é procissão, pelo fato de ser uma expressão livre da fé popular, sem documentos prévios que vão ditar ou limitar o ato, o que vai delinear é a tradição, devoção e fé popular.

O ato litúrgico pensado e preparado pelo clero e comissão de festa³⁶, ao mesmo tempo que expressa a beleza e riqueza do momento maior da festa, também estabelece limites, não permitindo assim, uma livre expressão da devoção por conta do protocolo litúrgico. Deste modo, a procissão é o espaço da livre expressão, onde os trajes podem ser mais despojados, pode-se inclusive acompanhar a caminhada descalço, pagando promessas ou fazendo penitências. Neste sentido, Damatta (1986) ao analisar as procissões diz que:

[...] nela se observam, num mesmo instante, elementos sagrados e profanos que se mesclam, porque a imagem do Santo está com o povo. E é quem recebe na rua, e não na Igreja, suas orações, cânticos e penitências. (DAMATTA, 1986, p.65)

³⁵ Um ato não litúrgico se caracteriza por não conformidade com as regras gerais dos documentos da igreja sobre a liturgia, elementos como cantos, cores e gestos.

³⁶ Comissão de festa é um grupo de pessoas que são incumbidas de preparar a festa, desde os movimentos e eventos dentro das festividades até o pós festa.

Nesta análise de Damatta é possível ainda observar outro aspecto quando ele diz que a imagem do Santo está com o povo, pois durante o novenário, trezenário ou tríduo, os fiéis vão ao encontro do padroeiro ou padroeira com os cânticos, e na procissão o Santo vai ao som dos hinos e instrumentos pelo braço do povo. Numa linguagem figurada, a divindade também é do povo.

O terceiro pilar da tradição e da festa, está por conta da arte que além de dar cor e beleza a festa, exprime também a fé e a devoção. Organizado com iniciativa popular, as ornamentações das ruas tornam visíveis o significado daquele dia ou do momento da procissão, para os moradores de cada rua, em sua simplicidade, os fiéis querem da melhor maneira demonstrar sua devoção.

Ao lado do quesito ornamentação de rua, surge um ponto polêmico que mexe seriamente com a devoção popular que é o itinerário a ser percorrido. O ex vigário paroquial Antônio Gregório fala da forma como essas situações ocorriam desde que a tradição tomou seu lugar,

Você chega numa festa que já é tradicional, que já tem as manias, já tem as preferências, já tem todo esse contexto que faz a festa, e você acaba entrando no contexto sem saber. Às vezes, até por uma compreensão diferente, você tenta mudar e gera conflitos, se você não passa em determinada rua porque quer mudar de roteiro, vai dar conflito. Até a passagem do andor em determinada rua se torna algo como que se fosse eterno, e que não pode ser mexido. (informações verbais)³⁷.

De maneira direta, a mudança de roteiro causa um incomodo à devoção das pessoas daquela rua. Arrumar a rua faz parte do ato devocional, ao passo que carnavaliza o sagrado, sem perder o respeito, quebrando assim a formalidade ou solenidade daquele momento que é inteiramente popular. Damatta (1986) se refere a este aspecto devocional dizendo que

“O carnaval reproduz o mundo num momento de informalidade total. Ele apresenta as peculiaridades que tornam a sociedade brasileira diferente e, ao mesmo tempo, única, no que diz respeito ao carnaval, colocando essa modalidade festiva como uma instituição perpétua em nosso país”. (Apud PETRUSKI, 2008, p. 56).

³⁷ Depoimento fornecido por Antônio gregório Oliveira Filho, na cidade de Santo Antônio de Jesus-Ba em fevereiro de 2020.

O momento de ornamentar, é a ocasião certa de tornar visível aquilo que o devocional litúrgico não permite, dentro de sua cultura, tradição e forma peculiar de festejar. Nas imagens abaixo, podemos observar algumas das muitas ornamentações que os fiéis fizeram para que Nossa Senhora do Bom Conselho pudesse passar, os registros foram da festa do ano de 1984.

Figura 4 - Saída da procissão de Nossa Senhora do Bom Conselho



Fonte: Acervo particular D. João Nilton

Figura 5 - Representação de mais um tapete confeccionado pelos fiéis



Fonte: Acervo particular D. João Nilton

Nos dois registros fotográficos, a partir do ponto de vista de quem fez os registros, a panorâmica, além da intenção de guardar aquele momento confirmando o que diz Susan Sotag (2004), “hoje, tudo existe para terminar numa foto”, nos coloca a frente de uma formação processional da tradição colonial.

A frente os padres, seguidos dos seminaristas divididos em duas filas, coroinhas, ministros, o apostolado da oração com suas bandeiras e estandarte do Sagrado Coração de Jesus, o andor da padroeira e todo o povo fiel.³⁸

Paralelo a ornamentação das ruas para a passagem da procissão estavam o preparo da igreja e do andor da padroeira³⁹, que gerava grande expectativa para os fiéis, ele é entronizado na igreja no final da missa solene que termina por volta de meio dia, por se tratar de uma solenidade demorada, por conta da homilia e das motivações.

Figura 6 - Igreja Matriz Iluminada para a festa



Fonte: Acervo particular D. João Nilton

³⁸ A formação citada, faz jus ao modelo de procissão da época, nas procissões da padroeira. A sua formação se dá à porta da igreja matriz já tomando proporção e menção de saída.

³⁹ Andor é uma pequena plataforma de madeira que pode ter de quatro a seis braços. Eles são utilizados para colocar a imagem da Santa devidamente ornada de flores, luzes numa ornamentação livre ou que traga alguma simbologia que remeta os fiéis ao tema ou algum elemento que foi celebrado.

Na fotografia acima, encontra-se iluminada a fachada da igreja matriz da paróquia de Nossa Senhora do Bom Conselho, e que também é sede do bispado da Diocese. Era comum no período do festejo da padroeira ornar de luzes todo o exterior do templo, forma de sinalizar aos paroquianos e munícipes que a festa começou.

Figura 7 - Altar-mor de N. S. do Bom Conselho no dia da festa



Fonte: Acervo particular D. João Nilton

Na figura acima, esta retratada a vista frontal do Altar-mor devidamente ornamentado para a missa solene da padroeira e momentos de fotos pós procissão. A arquitetura da igreja é inspirada em estilo gótico, com estruturas pontiagudas.

Figura 8 - Benção final da missa solene



Fonte: Acervo particular D. João Nilton

Figura 9 - Andor da padroeira



Fonte: Acervo particular D. João Nilton

Figura 10 - Parte do cortejo com o bispo, padres, formação de filas e os fiéis



Fonte: Acervo particular D. João Nilton

Os registros fotográficos pertencem ao dia da festa da padroeira, 26 de abril de 1980. Nestes documentos fotográficos é possível dimensionar este dia solene num grau de importância elevada para as pessoas que moravam na cidade e para aqueles que iam de outras cidades participar da festa. Tanto a igreja quanto o andor, eram bem trabalhados em relação aos arranjos e adornos.

Num estudo mais aprofundado sobre o uso da fotografia como fonte histórica, Kern (2011) diz que “imediatamente, a imagem carrega um segundo sentido: ela é memória, porque pretende tornar presente o ausente, prolongar a existência terrena dos seres que já não são mais” (apud TESSARI, 2012, p. 481).

Ao lado disso, permite a quem não protagonizou o momento do registro, ou não presenciou o momento, entrar no sentido histórico a partir do ponto de vista de quem fotografou, vivenciando diferentes sentimentos ao tentar recriar um momento que só pode ser visto, tendo assim, noção parcial daquele total documentado.

Nesta linha de estudo, Kossoy (2001) defende a foto como um documento humanamente criado, com um ângulo e recorte escolhido definindo assim um documento composto.

A foto não deve ser pensada como um registro desumanizado. Por trás do dispositivo fotográfico, há um produtor (o fotógrafo), indispensavelmente entendido como o filtro cultural que seleciona um assunto, um enquadramento, e constrói uma composição. (KOSSOY, 2001 p. 41)

A fotografia pode ser entendida como caminho para conhecer um momento que em razão nenhuma poderá mais ser vivido. Ao expectador, ou quem analisa a foto como simples relíquia temporal ou documento científico, fica o exercício imaginário formando uma pressuposição de espaço, sensação, cheiro, que o remeterá a apreciação desse filtro cultural a que Kossoy (2001) se refere na citação acima.

Contudo, é importante tomar conhecimento de outro aspecto da fotografia quando tratada como fonte histórica para fins científicos, trata-se da chamada intervenção fotográfica provocada por quem está por trás das lentes. O historiador e pesquisador Burke aborda essa questão na obra *Testemunha ocular* quando critica algumas fotografias rurais registradas nos Estados Unidos, “alguns fotógrafos interferiram mais do que outros para arrumar os objetos e as pessoas”. (BURKE 2004, p. 28).

A manipulação fotográfica estar para um único objetivo, registrar um momento propositalmente como uma pose, ou busca do melhor ângulo para o objeto ou pessoas, diferente da captura de um momento espontâneo. São características que devem ser primordialmente identificadas e criticadas. Deste modo, as fotografias não são inquestionáveis ou de pura verdade, são registros tal como um documento escrito.

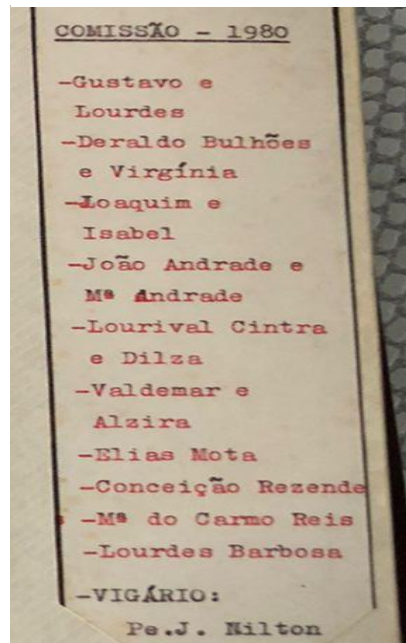
Ainda nesta mesma obra de Burke (2004) ele atesta a pluralidade dessas fontes, “como outras formas de evidências, imagens não foram criadas, pelo menos em sua grande maioria, tendo em mente os futuros historiadores. Seus criadores tinham suas próprias preocupações...”. (BURKE 2004, p. 43). Uma fotografia espontânea pode falar mais que outras tantas, mas pode também não dizer muita coisa, tanto pode construir uma ideia, como desconstruir um juízo de valor sobre elas.

O bispo deste período era Dom Alair Vilar Fernandes de Melo que aparece nas figuras 8 e 10, posteriormente transferido para outra diocese e sucedido pelo então padre João Nilton nomeado bispo e, atualmente bispo emérito de Amargosa. É um costume antigo que o bispo da diocese presida a missa solene como convidado especial e pastor maior, confirmando assim a unidade daquela comunidade em festa.

3.1 A FESTA ORGANIZADA: BASTIDORES E PARTICIPAÇÃO DOS FIÉIS

A organização da festa envolvia muitas pessoas, embora toda a festa fosse coordenada pela comissão de festa e o pároco. A foto abaixo trás os nomes dos integrantes da comissão de festa do ano de 1980.

Figura 11 - Comissão de festa



Fonte: Acervo particular D. João Nilton

A festa de Nossa Senhora do Bom Conselho, tinha um período total de dez dia, o novenário e o dia 26 de abril, dia do encerramento com a missa pela parte da manhã e a procissão no período da tarde. D. João Nilton diz que, mesmo se tratando de uma festa organizada pela comissão com o direcionamento do pároco, nunca deixava de ser uma festa organizada com o povo e para o próprio povo.

[...] A festa de Nossa Senhora é a festa do povo. Sempre foi uma festa do povo. A comissão organizava a festa com uma forma, mas com a presença atuante do pároco, ele acompanhava tudo, ele dava as diretrizes e a comissão tinha a função de animar, de arrecadar fundos para a festa em si também, mas para o serviço da paróquia. [...] (informações verbais)⁴⁰.

⁴⁰ Depoimento fornecido por Dom João Nilton dos Santos Souza, na cidade de Amargosa-Ba em agosto de 2022.

A organização da festa, era muito mais abrangente, transcendia as paredes da igreja matriz no que se refere aos momentos de celebrações litúrgicas. A festa também era o momento de arrecadação de verbas para os custeios da festa e manutenção geral da paróquia, por ser um período de bastante fluxos de pessoas tanto durante a novena e dia da festa, quanto em eventos realizados dentro deste período.

Embora a festa da padroeira fosse pensada com a comissão da festa e o povo, o direcionamento e visão da festa dado pelo pároco contribuía muito para a proporção que a festa haveria de ganhar, tanto no aspecto solene, quanto na quantidade de eventos que pudesse acontecer durante o período festivo. Em um dos recortes do relato oral de Maria do Bom Conselho, ela ressalta o quanto esse aspecto pesa na organização das festividades.

A festa era muito linda, e dependia muito do pároco, e isso a gente sabe. Tinha anos que a festa era bem mais solene, outros era mais simples, mas nunca perdeu o encanto, independentemente do tempo que a gente se encontrava. Além da espiritualidade que era grande, que preenchia como toda festa de padroeiro, era um momento de graça como em qualquer paróquia, e a festa de Nossa Senhora tinha um “Q” especial, a gente ia além da festa. (Informações verbais)⁴¹

A festa da padroeira de Amargosa já foi considerada o evento mais importante da cidade segundo o ex vigário paroquial fora do exercício ministerial, Antônio Gregório, na cidade não tinha outro evento para que pudesse tirar a festa religiosa de foco, esse aspecto no decorrer dos anos foi deixando de existir, até mesmo por conta do crescimento do município e o surgimento de outras festividades seculares.

Era o evento, [...], era o evento principal da cidade. A festa religiosa era o evento principal. Hoje a gente tem tantos outros eventos, mas era o evento principal não só pelo fato de ser feriado, mas é um evento que para a cidade, o dia da festa, da procissão em si. (informações verbais)⁴²

Este aspecto trazido por Antônio Gregório, desencadeia uma outra realidade que está diretamente ligada ao grande número de fiéis que se reúne na igreja matriz e em sua volta para a grande celebração. Questionado sobre o número de fiéis que

⁴¹ Depoimento fornecido por Maria do Bom Conselho Resende Ribeiro Correia Caldas, na cidade de Amargosa-Ba em setembro de 2021.

⁴² Depoimento fornecido por Antônio gregório Oliveira Filho, na cidade de Santo Antônio de Jesus-Ba em fevereiro de 2020.

lotavam as ruas no dia da festa, D. João Nilton afirma que,

[...] nós não podemos desconhecer fatos novos da própria sociedade que já vive uma outra mentalidade, e vai invadindo o sentimento religioso do povo, uma certa acomodação ou indiferença religiosa. Evidentemente que isso tem uma importância, a gente não pode desconhecer, esses grupos novos, religiosos que vão surgindo por aí, e de alguma forma tiram o nosso povo, o que por sua vez nos leva a refletir na importância do trabalho evangelizador, não para impedir a liberdade do povo, nunca, mas para criar uma consciência maior de fé. (informações verbais)⁴³.

Aqui podemos adentrar numa breve discussão sobre identidade sociológica. Nosso estudo gira em torno de religião e religiosidade, paralelo a estes quesitos estão a cultura e tradição, no que diz respeito a transmissão de fé e valores religiosos. A evasão religiosa acima exposta, pode revelar tanto a não identificação com o que vive, ou desestímulo externo relacionados a uma série de fatores do dia a dia.

Stuart Hall (2006) na sua obra, *A identidade cultural na pós modernidade*, mostra em uma das três definições de identidade que ele defende, o que acontece quando o sujeito toma para si algumas consciências e a partir delas, decisões que mudam os rumos religiosos e culturais de sua vida, dentro de uma perspectiva social.

[...] a noção de sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo moderno e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas era formado na relação com “outras pessoas importantes para ele”, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura dos mundos que ele/ela habitava. (STUART HALL, 2006 p. 11)

A partir do momento que o sujeito deixa de conviver com as pessoas que a ele transmitiram a prática da devoção mariana, quebra-se o elo da tradição, ocasionando assim a não identificação no meio, contudo este estudo não se limita a este pensamento, justamente porque neste sentido como já foi dito, deve-se a inúmeros fatos sociais.

Um dos pontos de organização para a festa da padroeira era a divulgação da mesma, com o objetivo de atingir ao máximo de pessoas possíveis além daquelas pessoas que já faziam parte da vida da comunidade, contudo muitas vezes essa

⁴³ Depoimento fornecido por Dom João Nilton dos Santos Souza, na cidade de Amargosa-Ba em agosto de 2022.

propaganda ou anúncio da festa era feita no boca a boca, como relata Maria do Bom Conselho:

A propaganda existe, bem mesmo antes do início do novenário. Na minha época era o boca-a-boca, nas celebrações, convite para visita nas casas, hoje a gente não faz tanto isso além de não ter mais pessoal disponível para fazer isso, era como se fosse uma pré missão para festa da padroeira. (informações verbais)⁴⁴.

Embora no calendário devocional dos fieis o mês de abril já estivesse guardado, fazer correr a notícia da festa tinha o mesmo peso de fazer missão ou de missionariedade. Ir ao encontro do outro levar a notícia da festa da padroeira era motivo de satisfação e dever cumprido com Nossa Senhora. No entanto, enquanto ainda era pároco, na década de 80, D. João Nilton teve uma outra ideia de propagar a festa de Nossa Senhora por meio de uma carreata.

[...] eu via um clamor dos moradores das ruas mais afastadas do centro que dizia que Nossa Senhora só passava no centro da cidade e não passava nas ruas mais afastadas da matriz. Me veio a ideia, então, de no primeiro dia da novena após a alvorada, colocarmos Nossa Senhora, a Imagem em um carro aberto, enfeitado e fizemos uma carreata de surpresa. Convidamos apenas algumas pessoas, pessoas mais da própria comissão e fizemos esta primeira carreata. [...]

Mas enfim, foi um susto para o povo, mas aquele susto de trazer a alegria, de trazer a emoção. Então com um carro de som muito simples, que era próprio da época, as pessoas foram acordando e abrindo a janela, abrindo as portas de qualquer jeito, queriam olhar o que estava acontecendo, mas já percebendo por causa dos cantos em louvor a Nossa Senhora. E aí despertou o povo. E assim Nossa Senhora passou em todas as ruas, todas. Aí eu disse, agora vocês não podem reclamar mais que Nossa Senhora não passou. Agora está passando. (informações verbais)⁴⁵.

Da criatividade do padre João Nilton instalou-se em Amargosa a tradicional carreata que acontece todos os anos no dia da abertura da festa da padroeira, ao passo que, atendia também a um pedido popular de que a Santa passasse também em sua rua. Na imagem abaixo podemos observar um registro deste momento de despertar para a festa.

⁴⁴ Depoimento fornecido por Maria do Bom Conselho Resende Ribeiro Correia Caldas, na cidade de Amargosa-Ba em setembro de 2021.

⁴⁵ Depoimento fornecido por Maria do Bom Conselho Resende Ribeiro Correia Caldas, na cidade de Amargosa-Ba em setembro de 2021.

Figura 12 - Carreata de nossa Senhora do Bom Conselho



Fonte: Acervo particular D. João Nilton

À frente da igreja matriz, a carreata concentra-se tendo em sua formação, o carro de som que precede anunciando a passagem da padroeira com músicas marianas, seguido do carro aberto que conduz a imagem da padroeira devidamente ornamentada em um pequeno andor.

Na imagem seguinte, vemos noticiada no jornal a tarde os festejos da padroeira enfatizando o dia do encerramento. Neste ano excepcionalmente, aconteceu uma ordenação sacerdotal⁴⁶ do diácono José Ivan Silva Nunes durante a solenidade de Nossa Senhora do Bom Conselho. Embora o recorte esteja datado de caneta como sendo de 26 de abril de 1996, este periódico refere-se ao ano de 1993, pois foi neste mesmo ano que ocorreu a referida ordenação.

⁴⁶ Ordenação sacerdotal é um ato litúrgico que faz parte dos ritos da igreja para conceder a um diácono o segundo grau do sacramento da ordem, após um longo período de preparação. Só o bispo tem a autoridade de ordenar sacerdotes.

Figura 13 - Periódico do Jornal A Tarde



Fonte: Acervo particular D. João Nilton

Embora já houvesse a propaganda boca a boca e a tradicional carreata anunciando a chegada da festa, o padre José Raimundo diz que era com o convite e motivação pós missa de cada noite do novenário, que o mesmo ia tomando corpo com o aumento do número de pessoas.

[...] a gente ia notando como a cada dia a festa ia ganhando mais corpo, e tinha um trabalho de corpo a corpo, da gente motivar as pessoas, "olha, amanhã você que veio hoje traga mais dois, traga mais três"..., e no final de cada missa a gente fazer sempre um favorzinho para fechar a novena, e apresentava, perguntava quem veio pela primeira vez. Isso hoje em dia

contado, parece uma coisa assim sem sentido, por isso é coisa que se faz, mas naquele tempo não se fazia com tanta evidência. (informações verbais)⁴⁷.

Embora a festa tivesse a popularidade devocional, os investimentos paralelos eram realizados diariamente durante o novenário. A partir do ponto de vista do padre José Raimundo, não bastava a carreata, o papel dos leigos missionários, os convites feitos na comunidade, o clero se incumbia de realizar essa motivação interpessoal no final da novena, a acolhida oferecida a quem visitava a festa não era ignorada. Todos esses aspectos correspondem a uma expectativa de ampliação do número de fiéis para a festa.

Ao mesmo tempo, é possível identificar a preferência tradicional que os devotos faziam ao dia da festa e não aderiam tanto as novenas no que tange aos números, pois já era esperado um grande número de pessoas na missa solene e muito mais na procissão no período da tarde. A igreja ainda permanece com a constante missão de catequizar.

O convite estendia-se além das fronteiras paroquiais, atraindo pessoas de outras cidades acompanhadas de seus párocos como relata o padre José Raimundo:

[...] os finais de semana, muita gente, filhos de Amargosa que no fim de semana aproveitavam para vir, havia também por exemplo um convite, começou-se a crescer também essa história de convidar pessoas ou paróquias do próprio zonal, padres que tinham o costume de muitas vezes de em vindo trazer gente, por exemplo, padre Almiro que é filho de Amargosa e um grande devoto de Nossa Senhora do Bom Conselho, lembrei dele na paróquia de Nazaré, fazia a questão de trazer pessoas da paróquia de Nazaré quando vinha vai participar da novena, o padre Fausto também em São Miguel das Matas tinha uma devoção muito grande a Nossa Senhora do Bom Conselho, e essa consciência. (informações verbais)⁴⁸.

Configura-se as pequenas romarias feitas pelos devotos até a Mãe do Bom Conselho⁴⁹, e o clero também acaba fazendo parte deste ato devocional extra missão ou condição natural de vida. A festa da Santa torna-se também a festa dos encontros, com familiares, amigos, um ato tradicional sempre em movimento que comove a cada

⁴⁷ Depoimento fornecido por padre José Raimundo dos Santos Andrade Sales, em entrevista por chamada de vídeo em abril de 2021.

⁴⁸ Depoimento fornecido por padre José Raimundo dos Santos Andrade Sales, em entrevista por chamada de vídeo em abril de 2021.

⁴⁹ Os fiéis devotos católicos de Amargosa e diocese se dirigem a padroeira utilizando essa expressão.

um a estar de volta, independente da distância.

Em meio as fontes orais, é importante destacar que, na pesquisa científica, o uso da oralidade por si só não basta para a constituição documental, pelo contrário, “a entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados”. (THOMPSON 1992, p.25). Esta pesquisa foi um caso claro desta abordagem defendida por Paul Thompson, à medida que os depoentes falavam das suas experiências devocionais na festa da padroeira de Amargosa, citavam outras pessoas que detinham fotos, documentos e tantas outras evidências que favoreciam o desenvolvimento da mesma.

Quando o padre José Raimundo relata estas pequenas romarias na festa de Nossa Senhora do Bom Conselho, automaticamente abre-se um leque de possibilidades para a busca de fontes de relatos orais que seriam passíveis de garimpo historiográfico e confronto de informações.

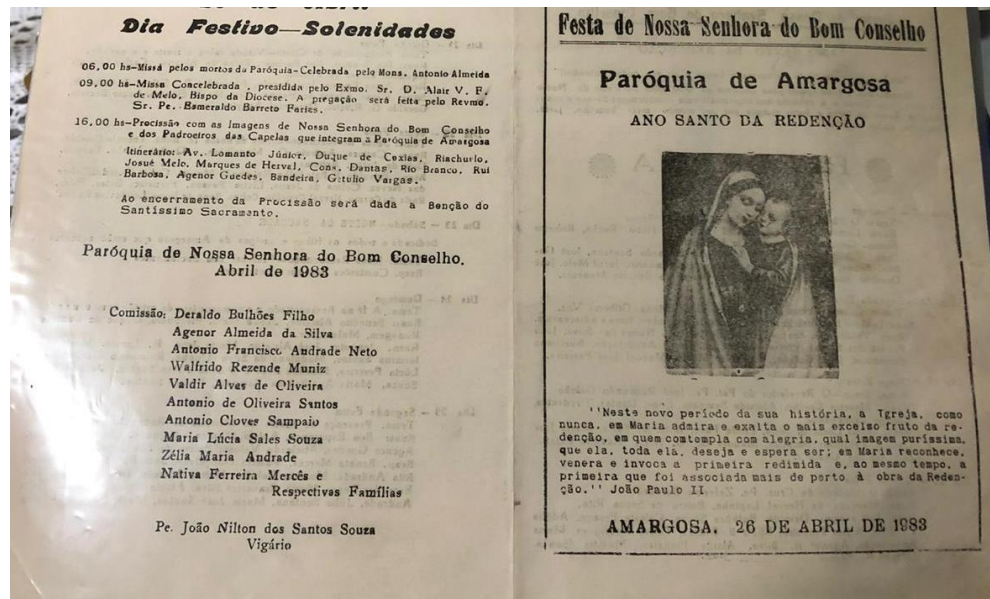
Portanto, para uma melhor compreensão da importância da história oral numa construção documental precisamos entender que ela “não diz respeito só ao evento. Diz respeito ao lugar e ao significado do evento dentro da vida dos narradores”. (PORTELLI 2016, p.12). Ao colher cada entrevista foi possível fazer a leitura da imersão de cada um no tema abordado ao revisitar suas lembranças, por não saber os limites e recortes que cada depoente faz, não é possível também mensurar a profundidade de imersão no ato da narrativa.

Os depoimentos sobre as novenas, missa solene, procissões, devocional a Nossa Senhora, trazia em cada relato experiências diferentes, mesmo falando de elementos comuns, sempre havia um elemento que despertava diferentes sensações e sentimentos aos entrevistados.

Ainda antes da festa ter seu início, reuniões eram feitas com o pároco, a comissão de festa e outras lideranças para pensar o roteiro ou programação geral da festa. Desses encontros resultavam a construção de um material chamado de programa de festa, era a partir dele que tudo acontecia, ou pelo, menos os eventos oficiais.

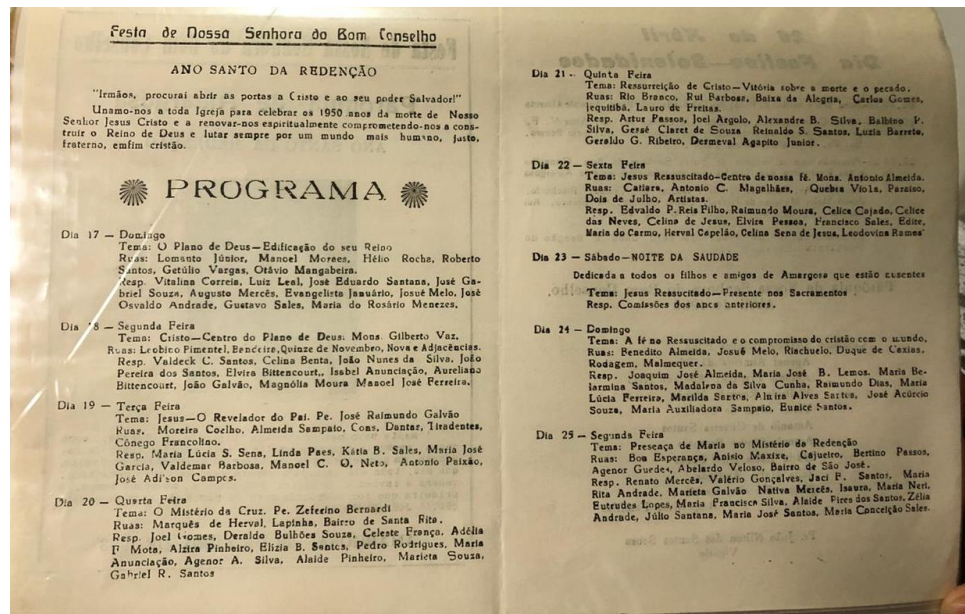
Neste documento contém geralmente a programação de cada noite, o tema a ser refletido, leituras bíblicas, os responsáveis pela noite, informações sobre o dia da festa e algum outro tipo de conteúdo relevante. No documento abaixo do ano de 1988 em especial, celebrou-se o ano santo da redenção proclamado pelo papa Joao Paulo II.

Figura 14 - Capa do programa de festa



Fonte: Acervo particular D. João Nilton

Figura 15 - Interior do programa de festa



Fonte: Acervo particular D. João Nilton

A estrutura organizacional do documento acima, é a mesma todos os anos, os elementos mutáveis são os nomes dos responsáveis, comissão de festa, temário e leituras a serem refletidas pela comunidade, bem como layout do mesmo.

Neste sentido não havia possibilidades de as noites acontecerem de forma igual, as pessoas que estavam encarregadas pela festa esforçavam-se para fossem

únicas tanto em beleza como em participação dos fiéis. Não era diferente com as comissões de cada festa, a cada ano tinham o compromisso de fazer melhorias na festa, à luz da festa passada para que fosse bonita e marcante.

Cada comissão queria brilhar mais que a antecessora, motivava muito mais o povo, fazia listas para arrecadar fundos, barraquinhas no Jardim, quermesse, enfim, buscavam novos meios. (informações verbais)⁵⁰

Além dos compromissos litúrgicos e oracionais durante a festa, o trabalho das comissões também era externo, com o intuito de levantar verbas para ajudar nas despesas da festa.

Ao final da procissão de Nossa Senhora do Bom Conselho, todos reuniam-se às 18hs em frente à igreja matriz para encerrar oficialmente a festa da padroeira. Segundo D. João Nilton, quando termina a procissão, se diz mais uma palavra, a palavra do bispo, o pároco diz mais uma palavra e da bênção com o Santíssimo Sacramento⁵¹.

A bênção do Santíssimo Sacramento, é um rito muito antigo na Igreja Católica, e só ela detém esta prática, pois somente ela tem a eucaristia como alimento espiritual. Então, usa-se um artefato ou objeto chamado de ostensório onde é colocado uma partícula eucarística, e ali o sacerdote traça o sinal da cruz sobre os fiéis.

Numa explicação mais detalhada a respeito das simbologias católicas Bergman (2015) apresenta “o ostensório do latim Ostensor, significa “mostrador”, que é um vaso sagrado feito de metal precioso, geralmente bastante ornamentado, onde se coloca a Hóstia Consagrada para expô-la à adoração dos fiéis, como por exemplo, na festa de Corpus Christi ou durante a bênção do Santíssimo Sacramento. Ele é formado por uma base, uma haste pela qual pode ser carregado e um receptáculo circular de vidro ou cristal cercado por raios, no qual se coloca o Santíssimo Sacramento em uma luneta”.

⁵⁰ Depoimento fornecido por Dom João Nilton dos Santos Souza, na cidade de Amargosa-Ba em agosto de 2022.

⁵¹ A bênção ou bênção propriamente dita segue a exposição do Santíssimo Sacramento, ou seja, a colocação da Hóstia consagrada em um ostensório colocado sobre o altar ou pelo menos a exposição de um cibório contendo o Santíssimo Sacramento. Assim, “a bênção com a Eucaristia é precedida de um tempo razoável para leituras da palavra de Deus, cânticos, orações e um período de oração silenciosa”, enquanto “é proibida a exposição meramente para dar a bênção”.

Figura 16 - Encerramento da festa com a benção do Santíssimo às portas da igreja matriz



Fonte: Acervo particular D. João Nilton

Na imagem acima, o padre Joao Nilton no momento da benção final. É possível identificar o ostensório, uma tocha com vela. O sacerdote faz uso além de seus paramentos litúrgicos habituais de uma veste chamada capa de benção, específica para estes momentos solenes.

Em síntese, a relação dos fiéis não só da cidade de Amargosa, mas também da região mostra-se bastante forte por vários elementos que foram trazidos neste capítulo como a tradição da fé e devoção a padroeira transmitidas de geração em geração, a força do reencontro dos familiares e amigos que moram fora da cidade, a tradicionalidade da procissão da padroeira no dia 26 de abril, as práticas e ritos litúrgicos durante as novenas. Todos esses elementos aqui trazidos e trabalhados juntamente com as imagens fotográficas, tentam remontar um pouco do que é a festa e a dimensão da devoção popular.

Ao mesmo tempo o capítulo mostra a preferência devocional de maioria dos fiéis a procissão e não a missa festiva e novena, marcando este como um momento

não só de fé, mas também um evento social de encontros e carnavalização do sagrado que avança pelas ruas.

Para a análise deste objeto fica clara a importância dos relatos orais e que “a história oral, então, é primordialmente uma arte da escuta. Mesmo quando o diálogo permanece dentro da agenda original, os historiadores nem sempre estão cientes de que certas perguntas precisam ser feitas”. (PORTELLI 2016, p. 10).

CONCLUSÃO

Quando este trabalho de pesquisa foi iniciado, houveram dúvidas relacionadas a relevância da pesquisa e se existiria campo a ser estudado, embora o objeto deste estudo seja uma festividade tradicional da cidade e Diocese de Amargosa, não tem uma ampla visibilidade, ou ainda, não é um grande centro de romarias. Com a delimitação do tema e início das atividades de pesquisa ficou claro que é um tema de muita relevância, porque transcende o ato de descrever ou remontar a história da devoção a Nossa Senhora do Bom Conselho, trata-se também de uma ampliação do campo de estudo sobre religiosidade popular.

Constata-se então que o objetivo geral foi atendido, porque definitivamente o presente trabalho conseguiu demonstrar as características que dão movimento e forma aos festejos da festa da padroeira, desde os momentos preparatórios e de divulgação, até o ato litúrgico de encerramento da festa. As fontes aqui apresentadas viabilizaram a exposição da história juntamente com as discussões dos referenciais teóricos num constante exercício de argumentação e cruzamento das mesmas.

O objetivo específico inicial era identificar como surgiu a devoção a Nossa Senhora com o título de Mãe do Bom Conselho naquela região em específico. Em relação a este objetivo não ficou claro o início dessa devoção, até mesmo na Itália que foi onde ela surgiu, não existem registros primários. O que temos de informação é que, por aquelas terras passaram os monges agostinianos, os quais são os guardiões desta devoção, e lá deixaram um ícone da Virgem Maria.

O segundo objetivo específico era analisar os atos festivos e solenes desde o início do novenário ao término da procissão, e o mesmo foi atendido. A partir das fontes trabalhadas, foi possível a descrição da festa em seus aspectos litúrgicos, devocionais, tradicionais, e também no que se refere as influências da mesma no cotidiano dos fiéis que fervorosamente viviam os festejos.

Já o terceiro objetivo específico era conceituar a partir das fontes aqui utilizadas a religiosidade e devoção popular dos fiéis que se confiam a proteção de Maria e sustentam a tradição em sua fé, e isso foi atingido por meio do aprofundamento teórico e definições de pesquisadores como Mesquita (2015), Oliveira (2013), por exemplo.

Durante o trabalho, verificou-se que há fortes indícios de o culto a Nossa Senhora do Bom Conselho ter surgido na passagem ou permanência de curto período

de religiosos naquela localidade, uma vez que ali havia uma estrada de ferro e as terras eram produtoras de café. Portanto, sacerdotes religiosos deixaram nas terras da então cidade de Amargosa a prática do culto a Virgem Maria.

A questão que move o tema da pesquisa que é justamente o número de pessoas que participam dos festejos no dia da festa da padroeira, apoia-se no fato de que estes fiéis que migram para Amargosa tem várias motivações, como por exemplo, um momento oportuno de reencontrar famílias e amigos, fazer acontecer mais um momento de tradicionalidade religiosa da sua vida particular e até mesmo unir-se a comunidade paroquial que rende o culto a Virgem Maria como padroeira, Mãe de Jesus e com o sentimento filial.

Para o desenvolvimento desta pesquisa foi necessário ir a campo para estudar as ações e características desta festa religiosa, foram entrevistadas algumas pessoas que de alguma forma estão ligadas as realizações das festas de anos anteriores. Coletamos entrevistas em momentos marcados com os depoentes, as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas desde o ano de 2021. As entrevistas, fotografias e documentos foram reunidas na própria cidade de Amargosa.

Diante da metodologia proposta, percebe-se que o trabalho poderia ter sido realizado com uma pesquisa mais ampla na parte bibliográfica e com uma riqueza até maior de fontes, contudo muitas foram as dificuldades em relação a tempo e recursos, já que se trata de uma pesquisa de campo, e a essência da mesma exige um investimento de tempo maior para convivência com as pessoas entrevistadas e até mesmo, mais tempo de pesquisa documental.

Uma das dificuldades que impactaram bastante no fluxo da pesquisa foi a dificuldade na coleta documental, uma vez que os arquivos paroquiais estavam indisponíveis por conta de falta dos livros de tombos que poderiam constar aqui, e não disponibilidade de acesso ao pouco que possuía, contando apenas com arquivos pessoas de algumas pessoas.

Para tanto, esta pesquisa não se esgota aqui, há muitos outros aspectos a serem estudados com o apoio da história científica. Existem várias pessoas na cidade de Amargosa que detêm um acervo de fotos incrível, outras que guardam documentos manuscritos primários da comunidade que não estão ligados somente as questões festivas, mas, a outros acontecimentos na vida da igreja.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LIVROS

BÁ, A. Hampaté. Historia Geral da África, I: **Metodologia e pré-história da África**/ editado por Joseph Ki-Zerbo. Cap. 8. Viva– 2.ed. ver. – Brasília: UNESCO, 2010.

BURKE, Peter. **Cultura Popular na Idade Moderna**, Europa, 1500-1800; cap. 2 - A transmissão da cultura popular. Tradução: Denise Bottman; Ed. SCHWARCZ LTDA – São Paulo.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagem**/ Peter Burke; tradução Vera Maria Xavier dos Santos; revisão técnica Daniel Aarão Reis Filho. – Bauru, SP: EDUSC, 2004.

BERGMAN, Lisa. **Tesouro da tradição** - Guia da Missa Tridentina, Campinas, Editora Ecclesiae, 2015, 1a edição.

Bíblia. Português. Bíblia Sagrada: Novo Testamento. São Paulo: Edição pastoral, 2004. p. 1252. (**Lucas 1, 26-38**)

CHARTIER, Roger. **Cultura popular**: revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos, vol. 8, n. 16, 1995.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua**: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil/ Roberto Damatta. - Rio de Janeiro – 1997.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis** – para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro. Editora Guanabara. 1986.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**/ [tradução Ricardo Santhiago]. –São Paulo: Letra e Voz, 2016. – (Coleção Ideias)

SMITH, Richard Cândida. **História oral na historiografia**: autoria na história. Revista História Oral, ano 13, n. 1. p. 23- 32, jan. 2010.

SARTORE, Domênico, TRIACCA, Achille M. (org.). **Dicionário de liturgia**. São Paulo: Edições Paulinas, 1992, p. 1142.

THOMPSON, Paul, 1935 – **A voz do passado: história oral**/ Paul Thompson; tradução Lólio Lourenco de Oliveira. --- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

- MONOGRAFIAS

COSTA, Bianca Silva Lopes. **Nos caminhos do festejar**: a festa de nossa senhora do rosário em Itaberaba-Ba como espaço político e cultural. Santo Antônio de Jesus: UNEB-CAMPUS V, 2011.

JESUS, Elivaldo Souza de. **Gente de promessa, de reza e de romaria**: Experiências devocionais na ruralidade do Recôncavo Sul da Bahia. Salvador: UFBA, 2006.

JURKEVICS, Vera. **Os santos da Igreja e os santos do povo**: devoções e manifestações de religiosidade popular. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, p. 230. 2004. Disponível em: <http://www.poshistoria.ufpr.br/documentos/2004/Veraluciajurkevics.pdf>. Acesso em: 7 dez. 2021.

PETRUSKI, Maura Regina. **Julho chegou... E a festa também**: Sant'Ana e suas comemorações na cidade de Ponta Grossa (1930-1961). Curitiba 2008.

SOUZA, Fabio Ribeiro de. **Movimento religioso e a prática da procissão no bairro da liberdade na cidade de Campina Grande** – PE [manuscrito]: Ivo Emanuel dos Santos Pereira, Tayson M. Veríssimo Santos/ Fabio Ribeiro de Souza. – 2017. 41p.: il colorido.

- COLETÂNEA

Constituição Sacrosanctum Concilium. **In Documentos do Concílio Vaticano II**: constituições, decretos, declarações. Petrópolis: Vozes, 1966.

VIER, Frei Frederico (org.). **Compêndio do Vaticano II**. Constituições, decretos, declarações. Petrópolis Rio de Janeiro. Editora Vozes. 1968, p. 298.

- ONLINE

BRASIL. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Diretrizes Gerais da ação evangelizadora da Igreja do Brasil 1995 – 1998. Disponível em: http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183431.pdf. Acesso em: 27 mai. 2022

BRASIL. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Santo Domingo – Conclusões. Disponível em: http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906182510.pdf. Acesso em: 27 mai. 2022.

DOM CANÍSIO, Klaus. A religiosidade popular e suas manifestações. Disponível em: http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906182510.pdf. Acesso em: 26 mai. 2022.

www.a12.com. Como surgiu a oração da Ave-Maria. www.a12.com, 2018. Disponível em: (<https://www.a12.com/academia/artigos/como-surgiu-a-oracao-da-ave-maria>). Acesso em : 05/09/2022.

www.paulus.com.br. O que são celebrações litúrgicas. www.paulus.com.br, 2018. Disponível em: (<https://www.paulus.com.br/portal/o-que-sao-celebracoes-liturgicas/#.Yy5HPS3OrLY>) Acesso em : 09/09/2022.

- REVISTAS

BARROS, Jose D'Assunção. **História e memória** – uma relação na confluência entre tempo e espaço. MOUSEION, vol. 3, n.5, jan – Jul/2009.

COUTO, Edilece. Devoções, festas e ritos: algumas considerações. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá, v. 1, n. 1, p. 1-10, 2008. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/26618/14261>. Acesso em 10 nov. 2021.

CIPOLINI, Pedro Carlos. **A devoção Mariana no Brasil**. Telecomunicação, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 36-43, jan./abr. 2010.

Encontro Regional Sul de História Oral. **História Oral: Lugares e Desafios** (8. : 24-26 jun. : 2015 : Joinville, SC) Anais do VIII Encontro Regional Sul de História Oral. História Oral: Lugares e Desafios / Organização: Fernando Cesar Sossai – Joinville, SC : UNIVILLE, 2015.

FRANKLIN, Ruben; AGUIAR, Antônio. **Cultura popular, um conceito em construção**: da tradição dos românticos e folcloristas à emergência política dos estudos culturais. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/6566933.pdf>. Acesso em: 26 mai. 2022.

GORDIANO, Raimundo Carvalho. **A festa do povo de Deus**. Revista eletrônica espaço teológico. ISSN 2177-952X. Vol 10, n. 18, jul/dez, 2016, p. 156-167.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 2.ed. rev. São Paulo: Ateliê, 2001.

MENDES, Ediana. **Festas e procissões reais na Bahia Colonial séculos XVII E XVIII**. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 150. 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/11652/1/disserta%C3%A7%C3%A3o%20final.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

MESQUITA, Fábio Azevedo. **A veneração aos Santos no catolicismo popular brasileiro**: Uma aproximação histórico-teológica. Revista eletrônica Espaço teológico. ISSN 2177-952X. Vol. 9, n. 15, jan/jun, 2015, p. 155-174.

OLIVEIRA, Elza. **Procissões** - De estratégia de territorialidade à expressão de religiosidade popular. Disponível em: <https://www.ufjf.br/sacrilegens/files/2013/03/9-2-3.pdf> Acesso em: 10 nov. 2021.

SILVA, Leonardo Dantas. **A música das procissões**: 500 anos de fé. Ci. & Tróp. Recife, v 28, n. 2, p 209 – 218, jul./ dez., 2000.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, procissões, romarias, milagres**: aspectos do catolicismo popular / Ricardo Luiz de Souza. – Natal: IFRN, 2013. 160p.

REIS, João José. **A morte é uma festa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p. 61.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Cia. das Letras, 2004.

SOUZA, Ricardo Luiz de. **Festas, Procissões, Romarias, Milagres**: aspectos do catolicismo popular. Natal: IFRN, 2013.

SÁ, Celso Pereira de. **Entre a história e a memória, o estudo psicossocial das memórias históricas**: Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Rio de Janeiro, Brasil, cadernos de pesquisa, 2015.

TESSARI, Antony Beux. **Fotografia na historia e no ensino de historia**. Aedos . 11 vol. 4 – Set. 2012. P. 470 à 489.

- MÚSICAS

José Raimundo Galvão. Mãe do Bom Conselho. Aracajú-Ba: SQUANTO Studio: 2012. Suporte (4:05).

- ENTREVISTAS

Entrevista concedida por ANDRADE SALES, José Raimundo dos Santos. Entrevista II. [04. 2021] Entrevistador: Fernando Borges Neri Rosário, 2021. arquivo .mp3 (2:23:34min).

Entrevista concedida por CALDAS, Maria do Bom Conselho Resende Ribeiro Correia. Entrevista III. [09. 2021] Entrevistador: Fernando Borges Neri Rosário, 2021. arquivo .mp3 (55:47min).

Entrevista concedida por DOM, SOUZA, João Nilton dos Santos. Entrevista IV. [08. 2022] Entrevistador: Fernando Borges Neri Rosário, 2022. arquivo .mp3 (41:11min).

Entrevista concedida por OLIVEIRA FILHO, Antônio Gregório. Entrevista I. [02. 2020] Entrevistador: Fernando Borges Neri Rosário, 2020. arquivo .mp3 (49:08min).